

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU

ALISSON FERREIRA BATISTA

**ENTRE O TEMA E A VIDA – A *FOTOGRAFIA PRETA* COMO ESTRATÉGIA PARA A
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS**

PORTO ALEGRE
2021

ALISSON FERREIRA BATISTA

ENTRE O TEMA E A VIDA – A *FOTOGRAFIA PRETA* COMO ESTRATÉGIA PARA A
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES RACIAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Carla Beatriz Meinerz

Linha de pesquisa: Educação, Culturas e Humanidades

Porto Alegre
2021

Pertenço irredutivelmente à minha época.

E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção sustentável do homem existente. Esta edificação se liga ao presente, na medida em que coloco-o como algo a ser superado.

Frantz Fanon

CIP - Catalogação na Publicação

Batista, Alisson
Entre o Tema e a Vida - A Fotografia Preta como
estratégia para a Educação das Relações Raciais /
Alisson Batista. -- 2021.
51 f.
Orientadora: Carla Meinerz.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação das Relações Étnico-Raciais. 2.
Fotografia. 3. Humanidade. 4. Negritude. I. Meinerz,
Carla, orient. II. Título.

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado em Educação tematiza a fotografia como possibilidade para a Educação das Relações Raciais. Fundamenta o termo fotografia preta, definido como método de produção de dados e conteúdo educativo na formação docente, inspirando-se na ideia de denegrir proposta por Renato Noguera (2019). Evidencia a conexão visceral do autor com o estudo na definição do problema de pesquisa: como é possível utilizar a fotografia preta como dispositivo pedagógico para debate dos conceitos de desejo de brancura e humanidade? Tal questão guia a análise dos impactos da fotografia com um controle de narrativa mediado pela perspectiva preta de compreensão dos processos de leitura do mundo na Educação Básica e Superior. Optou-se pelo uso do controle da narrativa acerca do produzido, na qualidade de pretensão de evidenciar o tempo, o espaço e a intencionalidade do intelectual no exercício da provincialidade, instaurando na prática do estudo pela explicitação do intento de dizer, por meio de ensaio com sequência de fotografias pretas, o que se compreende por desejo de brancura e por humanidade. Tal intento se conecta com uma perspectiva de interculturalidade que considera a afirmação da diferença como pressuposto da condição humana, exemplificada na perspectiva ética e emancipatória das lutas do movimento negro e das pessoas negras em ações no campo da educação. Com abordagem qualitativa, o estudo visou promover uma interação dialógica por meio da fotografia, através de encontros *online* com exposição de ensaios fotográficos aos colaboradores e posterior exercício de fala e escuta. A revisão de literatura sobre o tema fez parte do traçado metodológico. Ampara-se no projeto político e pedagógico oficializado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004). As principais referências teóricas para a consecução da análise e do compartilhamento acerca da fotografia preta foram Abdias do Nascimento, Alberto Guerreiro Ramos, Frantz Fanon, Isildinha Baptista Nogueira, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire e Sueli Carneiro. Conclui-se que a fotografia preta, uma imagem desestabilizadora, pode gerar reflexões acerca da negritude, seja pela afirmação da própria identidade negra, seja pela constatação dos abismos que, historicamente erodidos, distanciam-na do desejado e defeituoso mundo branco. A fotografia preta é radical na proposta de colocar o sujeito negro e suas experiências no centro dos próprios processos.

Palavras-chave: Fotografia; Negritude; Desejo de brancura; Humanidade; Educação das Relações Étnico-Raciais.

ABSTRACT

The present dissertation is on the theme of photography as a possibility for the Education of Racial Relations. It substantiates the term black photography, defined as a method of data and educational content production in teacher training, inspired by the idea of denigrating proposed by Renato Noguera (2019). It evidences the author's visceral connection to the study in the research problem definition: how is it possible to use black photography as a pedagogical device for discussing the concepts of desire for whiteness and humanity? Such question guides the analysis of the impacts of photography with a narrative control mediated by the black perspective of understanding the processes of reading the world in Basic and Higher Education. We chose to use the control of the narrative about what was produced, as an attempt to show the time, the space, and the intentionality of the intellectual in the exercise of provinciality, establishing in the practice of the study the explicitness of the intention to say, through an essay with a sequence of black photographs, what is understood by the desire for whiteness and by humanity. Such intent is connected to a perspective of interculturality that considers the affirmation of difference as a presupposition of the human condition, exemplified in the ethical and emancipatory perspective of the struggles of the black movement and of black people in actions in the field of education. With a qualitative approach, the study aimed to promote a dialogic interaction through photography, by means of online meetings with exposure of photographic essays to collaborators and subsequent speaking and listening exercises. The literature review on the theme was part of the methodological outline. It is supported by the political and pedagogical project made official by the National Curricular Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations (2004). The main theoretical references for the achievement of the analysis and sharing about black photography were Abdias do Nascimento, Alberto Guerreiro Ramos, Frantz Fanon, Isildinha Baptista Nogueira, Nilma Lino Gomes, Paulo Freire and Sueli Carneiro. We conclude that black photography, a destabilizing image, can generate reflections about blackness, whether by affirming black identity itself, or by noticing the chasms that, historically eroded, distance it from the desired and defective white world. Black photography is radical in its proposal to place the black subject and his experiences at the center of its own processes.

Keywords: Photography; Blackness; Desire for whiteness; Humanity; Education of Ethnic-Racial Relations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sem nome.....	21
Figura 2 – Sem nome	22
Figuras 3 e 4 – Sem nome	25
Figuras 5 e 6 – Sem nome.....	26
Figura 7 – Sem nome.....	26
Figuras 8 e 9 – Sem nome.....	27
Figura 10 – Sem nome.....	28

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	10
1. RACISMO E RELAÇÕES DE EDUCAÇÃO/SABER	12
1.1 Dimensão Educação/Saber	13
1.2 Pensamento negro e educação	15
2. DENEGRIR A METODOLOGIA	17
2.1 O artifício de fazer da arte ofício	18
2.2 Criação de um desenho investigativo a partir da fotografia preta	19
2.3 Prólogo da conversa	23
2.3.1 Ensaio Um: Desejo de Brancura	24
2.3.2 Ensaio Dois: Negro-tema e Negro-vida	27
3. FOTOGRAFIA: ENTRE O TEMA E A VIDA - O FAZER FOTOGRÁFICO	29
3.1 Gingando entre o estático e o tático	31
3.2 Lugares e não-lugares	31
3.2 Criação de um desenho investigativo a partir da “fotografia preta”	31
3.3 Limites	33
3.4 Humanidade da ausência	34
3.5 Desejo de brancura: diálogos através da <i>fotografia preta</i>	36
4. RETRATAR E REFRATAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	47

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação, no campo da Pesquisa em Educação, tem na centralidade a discussão das relações raciais e Educação como espaço de formação frente ao que denomino “Mundo Branco”. Vários são os desdobramentos, irei focalizar em alguns deles, como o desejo de brancura, a construção do saber e possibilidades de enfrentamento do racismo, sendo a fotografia uma das estratégias mais significativas nesta escrita investigativa, na qualidade de disparador metodológico para o diálogo. Escolho a fotografia como meio pois enxergo nela uma possibilidade de criação. Veremos como criar é uma das principais alternativas para os problemas que serão apresentados.

Particularmente, enxergo alguns dos efeitos do racismo na mesma ordem do trauma. Por sua vez, o trauma é aquilo que resta de experiências significativamente ruins, e quando não elaboramos um trauma, há uma tendência de que alguns de seus efeitos fiquem se repetindo em diferentes momentos da nossa vida. Por tanto, falar e escrever sobre o racismo e seus desdobramentos tem tido um efeito terapêutico para mim. Tal prática também ajuda pessoas que passaram por situações similares. Antes de continuar, julgo de suma importância apresentar-me, não por mera formalidade, mas porque acredito que muito do que pensamos, falamos e fazemos tem a ver com a nossa trajetória. Além disso, é uma forma de franqueza e honestidade com toda pessoa que cruzar com este escrito.

Meu nome é Alisson Ferreira Batista, sou filho da dona Jô e do seu Eloy. Minha mãe trabalha numa escola privada na mesma cidade onde moramos e meu pai é policial militar reformado, mas segue trabalhando como segurança particular para complementar a renda. Tenho um irmão mais novo, de 22 anos de idade, chamado Christian, que cursa Educação Física na UFRGS. Confesso que no momento em que escrevo sobre minha família, a emoção age sobre meu corpo, os olhos marejam e a voz embarga. Quando olho para meus pais e percebo todo o amor que eles dedicam para meu irmão e eu, é como se sustentasse o peso do mundo sobre meus ombros. Também sei da influência que tive no fato do meu irmão estar no ensino superior, sou o primeiro universitário da minha família e em alguma instância, rompi com uma barreira que cerceava campos de possibilidades em nossa trajetória familiar. Em minha casa, as preocupações centrais nunca foram qual instituição de ensino superior frequentaria ou qual curso iria fazer, mas sim que ao sair de casa estivesse com a carteira de identidade em caso de uma abordagem policial.

O percurso de nossa vida, muitas vezes, é afetado por acontecimentos pontuais. No meu caso, um desses acontecimentos é o Projeto Educacional Alternativa Cidadã (PEAC), um

cursinho popular preparatório para o vestibular. Lembro de ter concluído o ensino médio, não tinha muitas perspectivas e tudo se encaminhava para eu tomar o rumo de muitos amigos: fazer um currículo e tentar uma vaga de frentista ou caixa de supermercado. Um ex-colega de aula me convidou para tentar uma vaga em um cursinho - eu não sabia para quê servia um cursinho e muito menos como funcionava o vestibular. Porém, fui convencido a tentar uma vaga com os seguintes argumentos: “Vai ser legal e terá muitas pessoas”. O ócio somado à falta de perspectiva tornaram os argumentos interessantes: passei pelo processo seletivo e ingressei no cursinho. Nesse período de quase dois anos, percebi que a existência do PEAC¹ se dá por diversos motivos, se tivesse que resumir em uma palavra seria “transformação”. O PEAC me transformou enquanto sujeito, transforma a vida de muitas pessoas e também transforma o perfil da UFRGS.

Minha experiência na universidade foi intensa, no curso de Psicologia um novo mundo se fez presente em minha vida. Códigos, siglas, linguagem, vestimenta, comportamento são alguns dos novos elementos possíveis de eu enunciar que passaram a compor meu cotidiano. Eu era uma ilha em um mar branco. Todavia, com o passar do tempo, novas relações foram se constituindo e percebi que outros estudantes negros de outros cursos também compartilhavam esse sentimento de não pertencimento. Nessa minha construção de narrativa não linear, trago um fato que ocorreu a muitos anos atrás: quando estava na quarta série, em uma aula de História, após a professora terminar o conteúdo da aula ainda restavam alguns minutos até o sinal tocar e os alunos serem liberados. No tempo restante entre a conclusão do conteúdo e o sinal, a professora mandou eu e meus colegas lermos o hino do Rio Grande do Sul. Foi a primeira vez que li o hino com atenção e uma passagem foi gritante aos meus olhos: “Povo que não tem virtude acaba por ser escravo”. Depois desse dia, toda vez que escutava o hino gaúcho, o referido trecho gerava um incômodo, até o dia que tive uma “epifania” e pensei em uma errata: “Povo que não tem virtude acaba por escravizar”. Talvez, quem esteja lendo o texto até esse momento possa se perguntar: o que tem a ver o hino gaúcho com o sentimento de não pertencimento? Respondo: Fiz uma camisa com a errata do hino gaúcho e postei na rede social Facebook. Tempos depois uma colega do curso de

¹ O PEAC – Projeto Educacional Alternativa Cidadã - é um projeto de educação popular voltado à comunidade. Sua principal atuação é o curso pré-vestibular. O PEAC teve sua origem nas costelas do pré-vestibular Zumbi dos Palmares que, por sua vez, tem sua origem no Rio Grande do Sul em 1995, vinculado ao movimento negro e inspirado nos exemplos dos Projetos Steve Biko da Bahia e do Pré-vestibular para Negros e Carentes (PVNC) do Rio de Janeiro, ambos fundados em 1992, mantendo o mesmo espírito do projeto original. Atualmente o projeto conta com seis turmas de 60 alunos e mais de 100 professores e colaboradores. Fonte: www.peac.blogspot.com.br. Acesso em 30 out. 2019.

Enfermagem compartilhou a imagem e ela viralizou. Percebendo a repercussão em torno da frase, vários outros colegas negros e negras, de diferentes cursos, se reuniram e realizaram uma intervenção no desfile farroupilha com uma faixa contendo a errata. Nós, juntamente com outros vários colegas de diferentes cursos que, como eu, eram ilhas, formamos um arquipélago ao qual nomeamos Coletivo Negração.

Meu percurso acadêmico teve forte influência do Coletivo. Tínhamos um intenso processo de estudos e debates teóricos/políticos e, nesse processo, tive contato pela primeira vez com autores como Cuti, Carlos Moore, Sueli Carneiro, Abdias do Nascimento, Frantz Fanon e muitos outros. Fui apresentado a pensadores e pensadoras que a academia, até então, nem cogitava colocar em seus currículos. A partir daí, o racismo e principalmente a experiência negra no mundo se tornaram centrais no meu pensamento e naquilo que produzo. Por óbvio, neste trabalho de mestrado, não será diferente.

Referencio o estudo de mestrado de Rita dos Santos Camisolão (2019), na qualidade de identificação do impacto do acolhimento realizado majoritariamente por coletivos sociais como o Negração, nas trajetórias de permanência de estudantes negros na UFRGS. Tais coletivos, segundo a pesquisadora, atuam para que os estudantes negros tenham maior possibilidade de permanecer no ambiente acadêmico e de chegar à conclusão de sua formação inicial em distintos cursos.

INTRODUÇÃO

Escolhi como tema de pesquisa, para aprofundamento na qualidade de Mestrado em Educação, na Linha de Pesquisa Educação, Culturas e Humanidades do PPGEduc/UFRGS, a fotografia como possibilidade para a Educação das Relações Raciais. Minha proposição envolve uma metodologia inspirada na ideia de denegrir de Renato Noguera (2019), reunindo inquietações metodológicas que envolvem forma e conteúdo do fazer investigativo, pois propõe uma produção de dados através do uso do termo que cunho como *fotografia preta*, na qualidade de construção de uma possibilidade educativa para a formação na educação das relações raciais. Trata-se de um tema com o qual me conecto visceralmente e, por isso, no momento, fez-me vislumbrar o seguinte problema num horizonte inicial de pesquisa: como é possível utilizar a *fotografia preta* como dispositivo pedagógico, discutindo os conceitos de desejo de brancura e humanidade? A metodologia, de abordagem qualitativa, criaria uma experiência de criação e exposição de sequências fotográficas temáticas, com estudantes selecionados da UFRGS; a experiência seria realizada em grupos e pensada como momento de formação na perspectiva da educação das relações raciais.

Tal experiência incluiria uma roda de conversa, com inspiração na entrevista compreensiva, com questões norteadoras. Durante o processo de realização empírica da proposição descrita, uma nova materialidade se impôs sobre nós: o isolamento social necessário para diminuir os danos causados pela doença de dimensão global e pandêmica, a COVID-19. O contexto de pandemia exigiu mudanças no processo de efetivação do que havia sido projetado e impactou nossos corpos e mentes. As rodas de conversa em contexto de formação presencial foram inviabilizadas e optei por um diálogo individual com colaboradores selecionados a partir de critérios de vínculo com a educação e com a fotografia. As mudanças serão detalhadas no capítulo dois, onde trato da ideia de denegrir a metodologia.

Destaco o contexto e a perspectiva por onde enxergo na educação: uma relação de poderes que emprega um domínio e supremacia branca em torno do saber, por um lado e, por outro ângulo, as ações do Movimento Negro ao oferecer práticas e saberes capazes de transformação no cenário de supremacia (GOMES, 2017). A revisão de literatura sobre o tema fez parte do traçado metodológico, incluindo-se novas possibilidades encontradas por mim e aquelas sugeridas pela banca de qualificação do projeto. Destaco que foi possível manter a premissa da fotografia como uma espécie de disparador metodológico, no qual busquei controlar e dialogar a partir de minha própria narrativa acerca dos conceitos que contornam a pesquisa. Enfoquei as relações dos colaboradores da pesquisa com os conceitos

de desejo de brancura e humanidade, a partir de experiências com a *fotografia preta* por mim criada. Igualmente propus a ideia de controle da narrativa que, na prática desta pesquisa, instaurou-se pelo ato de explicitar aos colaboradores minhas compreensões e intenções de expressão pela imagem dos fenômenos do Desejo de Brancura (ensaio um) e do Negro-Tema e Negro-Vida (ensaio 2). O controle da narrativa acerca do que produz o pertencimento é a pretensão de evidenciar o tempo e geografia a qual pertencimento como intelectual no exercício da provincialidade. Meu estudo se coloca numa relação ética com a perspectiva emancipadora das lutas do Movimento Negro e das pessoas negras em movimento, especialmente aquelas relativas ao direito à diferença, em suas expressões subjetivas individuais e coletivas. Por fim, a partir da análise dos colaboradores, demonstro a potencialidade da *fotografia preta* como uma ferramenta capaz de contribuir para uma educação emancipatória, pois ela rompe com a noção cartesiana de conhecimento e provoca o participante a habitar zonas do imprevisível, conjugando elementos que até então estão cindidos, como a razão e a emoção.

No capítulo a seguir, o primeiro, destacarei as compreensões de racismo na interface com as relações de saber e de educação. Tais compreensões servem de base para a construção da proposta metodológica e analítica do estudo, respectivamente apresentados nos capítulos dois e três.

1. RACISMO E RELAÇÕES DE EDUCAÇÃO/SABER

Dependendo da perspectiva política/ideologia/teórica que cada um segue, haverá diferentes percepções do que é racismo. Logo, julgo necessário apresentar algumas das bases que sustentam meu pensamento acerca do que é e como opera esse fenômeno.

Um dos argumentos mais utilizados no senso comum, quando o debate é sobre raça, é de que “raça existe apenas uma, a raça humana”. O que é uma verdade parcial, em termos de ciências biológicas, uma vez que esse campo hegemonicamente evita operar com a categoria raça para explicar fenômenos da espécie humana. Quem apresenta subsídios importantes sobre essa discussão é o professor Kabengele Munanga:

Combinando todos esses desencontros com os progressos realizados na própria ciência biológica (genética humana, biologia molecular, bioquímica), os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram a conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem (MUNANGA, 2004, p. 04).

Em suma, o discurso dominante das ciências biológicas descarta a noção de raça em seres humanos. Talvez, tão importante quanto a relação entre ciência e racismo seja o curso edificado a partir dessa relação. Mesmo sem nada faturalmente científico, a raciologia e os naturalistas, segundo Munanga, foram os principais responsáveis por uma classificação hierarquizada das ditas raças humanas, as quais estariam associadas aos traços biológicos/fenotípicos, valores morais, intelectuais e psíquicos. Para a dita raça branca, foram atribuídos valores superiores, conseqüentemente, para as raças negra e amarela, valores inferiores. Sendo assim, tais valorações hierarquizadas não tem nada de factível, mas razões políticas/ideológicas. Munanga afirma:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etno-semântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. Os conceitos de negro, branco e mestiço não significam a mesma coisa nos Estados Unidos, no Brasil, na África do Sul, na Inglaterra, etc. Por isso que o conteúdo dessas palavras é etno-semântico, político-ideológico e não biológico. Se na cabeça de um geneticista contemporâneo ou de um biólogo molecular a raça não existe, no imaginário e na representação coletivos de diversas populações contemporâneas existem ainda raças fictícias e outras construídas a partir das diferenças fenotípicas como a cor da pele e outros critérios morfológicos. É a partir dessas raças fictícias ou “raças sociais” que se reproduzem e se mantêm os racismos populares (MUNANGA, 2004, p. 06).

Essa perspectiva ajuda na compreensão de como alguns dos principais discursos acerca do racismo se fundamentaram, e mesmo não sendo verossímeis, atuam e repercutem

no imaginário social da contemporaneidade. Porém, não quero afirmar que o racismo está apenas na ordem do discurso. Antes de tudo, é um fenômeno sócio-histórico que influencia e até mesmo determina a dinâmica de distribuição de acesso aos principais meios e recursos para viver e sobreviver. Carlos Moore consegue sintetizar um pouco dessa dinâmica:

Nas sociedades atuais, os recursos vitais se definem em grande medida em termos de acesso: à educação, aos serviços públicos, aos serviços sociais, ao poder político, ao capital de financiamento, às oportunidades de emprego, às estruturas de lazer, e até ao direito de ser tratado equitativamente pelos tribunais de justiça e pelas forças incumbidas da manutenção de paz. O racismo veda o acesso a tudo isso, limitando para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros, também em função do seu fenótipo. A função básica do racismo é blindar os privilégios do segmento hegemônico da sociedade, cuja dominância se expressa por meio de um continuum de características fenotípicas, ao tempo que fragiliza, fraciona e torna impotente o segmento subalternizado. A estigmatização da diferença com o fim de “tirar proveito” (privilégios, vantagens, direitos) da situação assim criada é o próprio fundamento do racismo. Esse nunca poderia separar-se do conjunto dos processos sistêmicos que ele regula e sobre os quais preside tanto em nível nacional quanto internacional (MOORE, 2012, p. 284).

Dessa forma, o argumento sustentado até o momento mostra como o racismo está para além das relações interpessoais; é um fenômeno que orchestra a organização social. Mesmo no Brasil, onde temos o maior contingente populacional negro fora de África, a maioria absoluta dos índices sociais mostram uma desigualdade quando comparada a população negra com a população branca. A educação básica e superior não escapam desse processo de desigualdade. No estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* realizado em 2018 pelo IBGE, constatou-se que a taxa de analfabetismo entre a população negra era de 9,1%, enquanto na população branca era de menos de 4%. As evidências ficam claras quando analisamos os dados: os negros têm menor esperança de vida ao nascer, menor renda *per capita*. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Porto Alegre revela dados sobre tal desigualdade, evidenciada no fato de que as pessoas negras possuem maiores taxas de analfabetismo e menores taxas de escolaridade. O IDHM dos negros porto-alegrenses é de 0,705, sendo 18,3% menor que o dos brancos, que possuem um IDHM de 0,833, dado que coloca a cidade em primeiro lugar no que tange a desigualdade entre brancos e negros entre as capitais (DESENVOLVIMENTO, 2017). No caso da Educação, IDHM dos negros é 0,567 e o dos brancos é 0,749.

A seguir aponto para um jeito outro de traduzir os impactos destes dados na compreensão da complexidade da operação do racismo nos sujeitos e nos seus modos de saber e de educar-se.

1.1 Dimensão Educação/Saber

O campo estatístico é capaz de traduzir em números as consequências sociais do racismo. Todavia, a complexidade desse fenômeno escapa da ordem numérica. O racismo é ardiloso e se adapta conforme o contexto, época e geografia. Assim sendo, para cada campo de análise é necessário estar atento às suas especificidades e particularidades. Pensando o ensino superior, Sueli Carneiro, filósofa formada pela Universidade de São Paulo (USP), traz importantes apontamentos acerca das universidades brasileiras:

Na sua versão mais contemporânea nas universidades brasileiras, o epistemicídio, cuja discussão aprofundaremos posteriormente, se manifesta também no dualismo do discurso militante versus discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro. Via de regra a produção branca e hegemônica sobre as relações raciais dialoga entre si, deslegitimando a produção dos pesquisadores e ativistas negros sobre o tema. Isso é claramente manifesto nas listas bibliográficas utilizadas onde, via de regra, figuram autores negros não-brasileiros, ou no fato de quão poucos intelectuais negros brasileiros alcançaram prestígio nacional e internacional (CARNEIRO, 2005, p. 60).

O saber que se constitui dentro das universidades obedece a uma lógica de supervalorização dos cânones dos saberes europeus e estadunidenses em detrimento do conhecimento produzido no Brasil, principalmente por pensadoras e pensadores negros.

Sueli Carneiro faz um importante diálogo com Michel Foucault, filósofo francês. A autora consegue atualizar um conceito de Foucault, chamado “dispositivo de sexualidade”, para pensar raça. Sueli propõe o conceito “dispositivo de racialidade”:

“(…) não existe certo domínio da sexualidade que pertence, de direito, a um conhecimento científico desinteressado e livre, mas sobre o qual exigências do poder – econômicas ou ideológicas – fizeram pesar mecanismos de sujeição/opressão e subordinação (FOUCAULT, 2001, p. 93 apud CARNEIRO, 2005, p. 61).

É nas relações de poder que existe a possibilidade de “investir sobre a racialidade por meio de técnicas de saber e de procedimentos discursivos à serviço da colonização, domesticação, eugenia ou repressão” (CARNEIRO, 2005). Por conseguinte, ao colocar no centro da análise o cenário acadêmico, é possível perceber como o dispositivo de racialidade arquiteta um não lugar para a militância negra como fonte primária de conhecimento e coloca em questão a validade da intelectualidade negra. Todo esse fenômeno é prólogo para o epistemicídio. Outro importante conceito que nos ajuda a compreender as dinâmicas que operam no campo da educação é o “saber”:

Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; (...) um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; (...) finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso (FOUCAULT, 2013, p. 220).

Existem certas condicionalidades discursivas, atreladas às relações de poder e subordinação, que permitem a constituição de um saber. Sueli Carneiro também afirma que existe uma tradição filosófica galgada na relação com o Outro, o “Outro” diz respeito àquele grupo ou sujeito fora da norma considerada como ideal da sociedade ocidental (2005, p. 97). Nesse jogo de exclusão-inclusão existe apenas uma possibilidade: uma integração subordinada desse sujeito às normas filosóficas ocidentais.

A formulação de Boaventura Sousa Santos acerca do epistemicídio torna possível apreender esse processo de destituição da racionalidade, da cultura e civilização do Outro. É o conceito de epistemicídio que decorre, na abordagem deste autor sobre o modus operandi do empreendimento colonial, da visão civilizatória que o informou, e que alcançará a sua formulação plena no racismo do século XIX (CARNEIRO, 2005, p. 96).

Entre outros fatores, a junção do dispositivo de racialidade e o epistemicídio fomentam mecanismos que destituem e não reconhecem a pessoa negra numa condição de intelectualidade e nem de produtora de saber. Tal lógica, como mostra a autora, está presente no fazer acadêmico, na produção de conhecimento e formação de professores. Assim sendo, dentro dessa lógica de subordinação, não basta que futuros professores apenas tenham contato com obras e saberes de pensadoras e pensadores negros, visto que esses “saberes negros” seriam tidos como secundários ou assujeitados aos saberes hegemônicos.

1.2 Pensamento negro e educação

Frente ao que já foi posto, algumas questões pautam a pesquisa proposta neste trabalho: como romper com a lógica de assujeitamento do pensamento negro na educação e produção de saber? Como algumas práticas (no caso, a fotografia) podem ajudar no processo de construção de conhecimento? Será que leis e a introdução de autoras e autores do pensamento negro são suficientes para garantir uma real transformação no modo de se fazer educação no ensino superior? Quais dinâmicas raciais estão atuando no processo de formação de professores dentro da academia?

Essas questões guiam a forma como pretendo analisar os dados e construir este estudo, sendo que o principal diálogo se dá com a obra de Nilma Lino Gomes, intitulada *O Movimento Negro Educador* (2017). O livro traz diversas reflexões pertinentes. A principal é justamente compreender o Movimento Negro como um agente educador atuante nos mais diversos níveis: escolas, Estado, relações humanas, produção de conhecimento científico, etc.

A questão é: Para que os saberes construídos pela comunidade negra e sistematizados pelo Movimento Negro ocupem um lugar na escola e na produção de conhecimento bastaria somente uma mudança na estrutura do currículo e nas políticas educacionais? Ou no investimento em ciência e tecnologia? Portanto, uma intervenção reformista nos bastaria? Ou precisaríamos ser mais radicais e elaborar

uma proposta que roam com a estrutura secular da escola, da universidade e da ciência que temos? (GOMES, 2017, p. 53).

É na esteira desses apontamentos que surge a motivação para minha pesquisa, uma vez que compreendo o Movimento Negro como um agente educador; as tensões provocadas pelo próprio Movimento Negro podem gerar educação das relações raciais, mas também podem provocar um recrudescimento de posturas e pensamentos conservadores. Daí surge a necessidade de elaborar múltiplas estratégias, de inventar e reinventar-se. E é no diálogo entre educação, relações raciais e arte (mais especificamente fotografia) que vislumbro uma possibilidade de reinvenção e novas estratégias nas práticas educacionais. A relação com a produção artística, neste trabalho, não tem uma função limitada à apreciação. Atua diretamente na transformação social.

A constituição do imaginário de uma população é feita especialmente pela produção cultural. Nesta, as formas mais eficazes encontram-se no campo das artes, porque manipulam não apenas os aspectos racionais das relações humanas, mas também os emocionais. O imaginário racista da população brasileira vem sendo alimentado há séculos por uma arte que, no tocante às relações interraciais, é alienada. Ela é responsável por não enfrentar o fantasma do racismo, que de fantasma só tem a técnica do disfarce, pois é muito prático. Há toda uma produção que apresenta o Brasil como um país de pura harmonia racial. Nenhum estranhamento, como se estivéssemos em um país de pessoas cuja diferença fenotípica nada representasse. É a técnica do silêncio (CUTI, 1995, p. 207).

A arte é potente para desnudar o véu do racismo, ajuda em processos de ressignificação da existência negra. Pretendo criar imagens que aqui chamarei de desestabilizadoras; imagens que provoquem e desacomodem. Na tensão dessa desestabilização com o conteúdo teórico das relações raciais que penso o processo de educação.

(...) o conflito serve, antes de tudo, para tornar vulnerável e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano, que por via deles e da iniciativa humana a eles referida, foi indesculpavelmente causado (GOMES, 2017, p. 62).

É apostando na não cisão entre a razão e a visceralidade que prospecto experiências educacionais/pedagógicas capazes de romper com a lógica hegemônica já apontada até aqui. O recurso utilizado para propor uma experiência não dicotômica é a fotografia. Para isso, se faz necessário algumas reflexões de como pretendo usar a imagem. A seguir apresento o caminho metodológico construído a partir da criação da *fotografia negra* como disparador pedagógico para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

2. DENEGRIR A METODOLOGIA

Conforme anunciado na Introdução, escolhi como tema de pesquisa, para aprofundamento na qualidade de Mestrado em Educação, a fotografia como possibilidade para a Educação das Relações Raciais na formação de graduandos da UFRGS. Minha proposição envolve uma metodologia inspirada na ideia de denegrir de Renato Noguera (2019), reunindo inquietações metodológicas que envolvem forma e conteúdo do fazer investigativo, pois propõe uma produção de dados, através do uso do termo que cunho como *fotografia preta*, na qualidade de construção de uma possibilidade educativa para a formação na educação das relações raciais. Trata-se de um tema com o qual me conecto visceralmente e, por isso, hoje, me faz vislumbrar o seguinte problema neste horizonte inicial de pesquisa: como é possível utilizar a *fotografia preta* como dispositivo pedagógico, discutindo os conceitos de desejo de brancura e humanidade? A metodologia, de abordagem qualitativa, gera uma experiência de criação e exposição de sequências fotográficas temáticas, com um grupo selecionado a partir de diferentes experiências e trajetórias; a experiência será realizada individualmente frente ao cenário pandêmico e os cuidados necessários para evitar exposição ao vírus. Tal experiência inclui uma conversa, com inspiração na entrevista compreensiva, com questões norteadoras. A revisão de literatura sobre o tema faz parte do traçado metodológico. Vejamos a consecução dessas ideias.

Inspirado por algumas discussões que o professor Renato Noguera propõe, busco “denegrir” a metodologia deste trabalho. Antes de falar da metodologia em si, é necessário pontuar o que se compreende por “denegrir”. Para Noguera,

em linhas muito gerais, na mitologia egípcia, Nut é a deusa do céu e Geb, deus da terra. Enquanto esta é masculina, o céu é feminino. O céu é fecundado pela terra para que possa dar luz às primeiras deusas e primeiros deuses e o mundo seguir seu curso. Pois bem, o céu tem uma rotina importante que deve ser acompanhada pelos seres humanos. Nut engole o sol todos os dias no crepúsculo sobre as montanhas do oeste e dá luz na aurora. A terra é negra e o sol precisa da negrura do ventre de Nut para ser revitalizado e renascer no dia que virá. Num direto espelhamento da ação contínua de Nut de engolir e parir o sol, o hábito humano deve ser sonhar, dormir tem o sentido de enegrecer, isto é, acolher o sol ou simplesmente, viver no mundo dos sonhos. Num registro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de lugar que revitaliza, fertilizante, fértil, de criação e renovação. Em outro, negro, negra, preta, preto e escuridão são sinônimos de sonho (NOGUERA, 2012, p. 05-06).

Denegrir significa “tornar negro”, porém, no senso comum, utiliza-se da expressão para enunciar o pejorativo. Ou seja, tornar negro está associado a algo ruim. Quando se faz o exercício de tentar ressignificar a expressão “denegrir”, não está se fazendo um mero jogo de semântico, mas sim evidenciando uma necessidade do nosso tempo quando se pensa em

educação. Tal ressignificar entra em profunda conexão com o projeto da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), que atinge diretamente a política curricular brasileira, em sua perspectiva de equidade e posituação das narrativas sobre as pessoas negras e indígenas, capaz de considerar as diversas formas de pensar, viver e sentir o mundo. Nogueira ressalta essa potência do que ocorre no campo da educação, considerando que a mesma

atravessa uma série de tensões em torno da ideia de que o acesso às instituições de ensino é um direito social de todas as pessoas e, ao mesmo tempo, o respeito às diferenças exige a diversidade de narrativas, de lógicas e epistemologias no currículo (NOGUERA, 2012, p. 01).

Essa diversidade de narrativas, lógicas e epistemologias me inspira a pensar o desenho investigativo desta dissertação de mestrado, proposta na linha de pesquisa Educação, Culturas e Humanidades, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS. Assim sendo, quando faço o movimento de denegrir a metodologia, busco imprimir outras lógicas que comportem parte da diversidade e complexidade de nosso tempo. Busco criar uma metodologia capaz de forjar brechas e espaços para que aquilo que é lido como “diferente” deixe de ser “diferente”. Ainda sobre o conceito, Nogueira (2012) destaca que

denegrir é pluriversalizar as abordagens, revitalizando e regenerando as redes de relacionamentos políticos, econômicos, etnicorraciais, de gênero, exercícios de sexualidade etc. Denegrir indica um processo de dissolução das modalidades de dominação e subalternização baseadas em critérios etnicorraciais, geográficos, de gênero, na orientação sexual ou exercícios de sexualidade, etc. Portanto, denegrir tem como alvo o abandono das disputas e controles dos bens materiais e imateriais, visando uma cooperação e construção compartilhada dos poderes (NOGUERA, 2012, p. 08).

Talvez minha intenção seja um tanto quanto pretensiosa, pois admito a distância entre aquilo que desejo e o que é o real. Ainda assim prefiro caminhar, com riscos, em direção às transformações que julgo necessárias do que andar com a certeza de que nada se transformará.

2.1 O artifício de fazer da arte ofício

Uma das questões que mais se fez presente ao longo da formulação mental e da escrita deste projeto diz respeito ao meu fazer fotográfico, e indaga se o resultado desse fazer pode ser considerado arte. Confesso que não tenho respostas, mas uma passagem de Bakhtin deixou-me ainda mais tomado. Vejamos:

[...] o trabalho criador, mas o vivenciamento não escuta nem vê a si mesmo, escuta e vê tão somente o produto que está sendo criado ou o objeto a que ele visa. Por isso o artista nada tem a dizer sobre o processo de sua criação, todo situado no produto criado, restando a ele apenas nos indicar a sua obra; de fato é aí que iremos procurá-lo (BAKHTIN, 2003, p. 05).

Não me nomeio artista mas gosto do termo “criador”, pois entra em consonância com o ato de denegrir a metodologia. Enquanto criador, seguindo a linha de raciocínio de Bakhtin,

não teria o que dizer das fotografias que pretendo criar. Todavia, independente do processo do mestrado, teria o que dizer sobre minha criação. Pretendo exercer, dentro daquilo que é possível, o controle da narrativa acerca do que produzo; pretendo evidenciar o tempo e geografia a qual pertencço, em suma, o exercício da provincialidade. O controle da narrativa é a pretensão de evidenciar o tempo, geografia e intencionalidade do intelectual no exercício da provincialidade, instaurando-se na prática do estudo pela explicitação do intento de dizer, por meio de ensaio com sequência de *fotografias pretas*, o que se compreende por desejo de brancura e por humanidade. Tal intento se conecta com uma perspectiva de interculturalidade que considera a afirmação da diferença como pressuposto da condição humana. O colonialismo estabeleceu uma negação metódica dos aspectos humanos dos povos subjugados (FANON, 2008) e produziu um processo histórico de assujeitamento na relação entre colonizador e colonizado. Este assujeitamento reverbera nas relações estabelecidas no presente, como expressão da colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2005; WALSCH, 2013). O controle de narrativa também é importante para que a intencionalidade do autor fique evidente e assim sua produção não seja distorcida, ainda que possa ser interpretada. Porém, a interpretação cabe ao intérprete.

Minha criação, a fotografia, está ancorada num tripé político-ético-estético. Político, pois o produto não é fruto exclusivamente de uma manifestação existencial, mas está intimamente ligado ao mundo; ético no sentido de não ferir outros indivíduos e estar atento ao que as manifestações coletivas dizem; estético porque tem o compromisso em forjar outras formas de existência negra. Tal arcabouço sustenta o que chamo de *fotografia preta*; e defendo *fotografia preta* não como uma subcategoria de uma fotografia hegemônica, mas sim como um conceito que provincializa a noção universal de fotografia e, principalmente, é instrumento para narrativas capazes de forjar uma humanidade possível para a existência negra. Cunhar ou criar o termo *fotografia preta*, na perspectiva do denegrir proposto anteriormente, é um desafio teórico-metodológico que pretendo aprofundar no processo investigativo. Evidentemente, existem expressões negras na fotografia, mas compreendo *fotografia preta* como uma epistemologia que só é possível atingir a partir do momento que se enxerga o negro como vida e não como tema (RAMOS, 1955). Talvez nomes como o de Irene Santos e Januário Garcia já façam em alguma medida a *fotografia preta*, minha tentativa aqui é de alguma forma sistematizar parte dessa prática. Reconheço igualmente a potente criação de outras experiências, inclusive na educação escolar, que podem ser distinguidas no processo próprio de exercício do que propus, porém não objetivei revisá-los nem coaduná-los no presente estudo.

2.2 Criação de um desenho investigativo a partir da *fotografia preta*

Durante a escrita do projeto, não tínhamos o cenário atual: uma pandemia. A ideia inicial era muito mais robusta e com uma potencialidade diferente daquilo que o atual contexto propicia, houve a necessidade de adaptação e inicialmente a metodologia dar-se-ia em três momentos. O primeiro seria onde criaria uma série de fotos, dentro do que chamo *fotografia preta*, que dialoga com teorias e pensamentos negros (Sueli Carneiro, Isildinha Baptista, Nilma Nilo Gomes, Frantz Fanon). No segundo momento organizaria uma exposição dessas fotos seguido de uma roda de conversa, sendo o público-alvo alunos de graduação das licenciaturas, especificamente Pedagogia e Psicologia, em disciplinas específicas de EREER. Por fim, realizaria a análise da roda de conversa. Porém, com a atual situação, que entre outras medidas envolve o distanciamento social, foi necessário rever alguns desses passos. O primeiro ponto diz respeito às produções fotográficas, onde não pude contar com os modelos inicialmente escolhidos e nem mesmo realizar todas as fotos inicialmente planejadas. Também foi necessário colocar em suspenso a ideia de uma exposição e a roda de conversa para, no lugar, exibir de forma *online* e fazer as entrevistas individuais.

Fazer tal experiência no campo da escrita científica tem seus limites e desafios que se apresentam numa dialética de vida-morte para mim. Trabalho com fotografia numa perspectiva de vida, uma forma de ser e estar no mundo, uma forma de linguagem. Já a relação com a escrita científica tem uma noção de morte, uma adequação a algo, uma subordinação. Nesta dialética de vida-morte, da fotografia que carrega signos e significados polissêmicos e do papel fruto da morte de uma árvore, que comportará uma escrita discursiva e regrada, algo sempre escapará, algo não caberá no papel.

Para dar visibilidade a tal experiência, dentro do campo da escrita, ofereço ao leitor a descrição das produções criadas, a partir das temáticas propostas, assim como as inspirações teóricas:

a) *Desejo de brancura*: uma sequência de três fotos. A primeira foto será de uma criança negra com o rosto maquiado com *pancake* (maquiagem usada no teatro) branco, brincando com uma boneca branca. A segunda foto será com a criança limpando o rosto e a terceira foto com a criança de rosto limpo e brincando com uma boneca negra. Falo sobre a experiência negra no mundo branco, onde o horizonte possível para tornar-se humano é sinônimo de tornar-se branco. Isildinha Baptista faz a sustentação teórica:

A “brancura” vista da perspectiva do olhar do negro oprimido é, como afirma Freire, uma qualidade transcendental: para este olhar negro, prevalece a brancura, acima das falhas do branco. A brancura se contrapõe ao mito negro. A ideologia racial,

portanto, se funda e se estrutura na condição universal e essencial da branca, como única via possível de acesso ao mundo (BAPTISTA, 1998, p. 88).

b) *Humanidade*: Para essa discussão, uma foto-retrato, e em paralelo é reproduzido um áudio resultante da narrativa de cinco pessoas do convívio de quem estará no retrato. Essas narrativas serão sobrepostas ao ponto de ficarem indefiníveis. Guerreiro Ramos é a fonte de inspiração. O autor propõe um ponto de vista singular para discussão das relações raciais no Brasil, onde ele aponta que tradicionalmente o negro é colocado no centro dos estudos como um problema, algo a ser estudado, solucionado. Como contraponto, Guerreiro Ramos (1954) defende um posição onde o negro ocupe o lugar do “universal”, sem que se possa dar versão definitiva de si e da experiência negra como um todo.

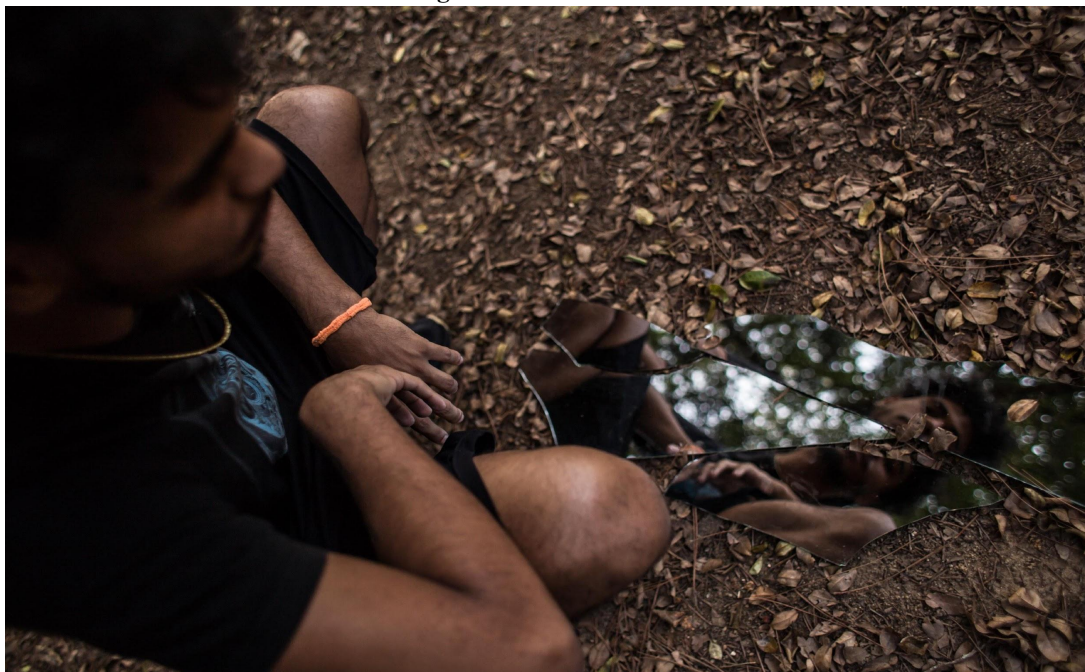
Ainda que a descrição das imagens tenha ficado tímida frente a realidade, acredito que tenha sinalizado a construção e inspiração da minha produção. Todavia, buscarei encurtar a distância entre o que escrevo e o que vislumbro em termos de criação, através de alguns exemplos de fotos que não foram utilizadas no encontro com os colaboradores:

Figura 1 – Sem nome.



Fonte: acervo pessoal (2019).

Figura 2 – Sem nome.



Fonte: acervo pessoal (2019).

Na figura 1, expressei o que Guerreiro Ramos chama de “negro-tema... um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção” (RAMOS, 1995), o fragmento de um todo. Na mão esquerda a modelo segura um pedaço de espelho que reflete uma parte de si e não é capaz de reproduzi-la na completude. Já na figura 2, sintetizo o instante seguinte ao ler a obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), de Fanon. Uma leitura visceral, que desestabilizou minhas certezas e talvez tenha sido um dos principais combustíveis para a discussão que faço atualmente. Em termos de criação, essa é a tônica que pretendo usar para construir as imagens que serão usadas.

A *fotografia preta* enquanto metodologia pedagógica, neste trabalho e num cenário ideal, teria como público alvo alunos de graduação do curso de Pedagogia. Após a exposição das fotos, seria utilizada a roda de conversa como metodologia para colher os dados. Mélo et al (2007) afirmam que rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática previamente acertada, de acordo com os objetivos da pesquisa, e num processo dialógico e coletivo, os participantes apresentam suas elaborações além do pensar compartilhado, o que

viabiliza a significação do acontecido. Kaufmann (1996) também serve de referência para conduzir o processo de coleta de dados, uma vez que a unidade de análise é o sujeito e, mais especificamente, o seu discurso. Porém, como já explicitado, houve a necessidade de adequar-se às urgências do agora. Um grupo menor foi selecionado, sendo dois estudantes de graduação do curso de Pedagogia e um fotógrafo em exercício da profissão. Embora os estudantes comunguem do mesmo curso, têm trajetórias bem distintas e cada um, na sua singularidade, colabora a partir de diferentes prismas. O fotógrafo convidado tem um percurso já consolidado e também compartilhamos alguns trabalhos juntos. É justamente por conhecer, ainda que não totalmente, seu olhar acerca da fotografia que o convidei para colaborar neste trabalho.

A dinâmica do encontro virtual ocorreu da seguinte forma: na exposição fotográfica os participantes tiveram contato com as criações e dão suas primeiras impressões, no controle da narrativa explicito as perspectivas teóricas que inspiraram as criações e na devolutiva investigo as reverberações da experiência através do diálogo com os colaboradores do estudo. A duração da interação dialógica variou entre 40 minutos e 1h, o registro se deu através da gravação e do complemento com anotações.

A seguir apresento a interação pedagógica construída no estudo.

2.3 Prólogo da conversa

Os colaboradores foram escolhidos por uma amostra de conveniência. O principal critério para escolha deles se deu pela identificação que tenho com a trajetória de cada um e de como enxergo a potencialidade de contribuição. Solicitei que cada pessoa falasse de si e comentasse aquilo que fosse mais relevante para o momento, segue a transcrição da apresentação:

(Colaborador 1): Nascido em Alvorada, fotógrafo e diretor de fotografia, integrante da Denegrir Agência. É isso, nesse momento isso me contempla.

(Colaborador 2): Tenho 23 anos, sou um pedagogo... do Rio Grande do Sul. Pedagogo preto, gay, que trabalha com crianças na educação infantil.

(Colaboradora 3): Sou uma mulher preta... e esses dias estava preparando uma apresentação compartilhando um pouco do trabalho que eu faço e sou também uma criança negra... Não que hoje eu seja exatamente uma criança, mas também não deixamos de ser as coisas. Isso vai nos acompanhando ao longo da vida, não temos como apagar as vivências que tivemos. Então, isso de ser uma mulher negra, uma criança negra e uma adolescente negra é algo marcante na minha vida e que me trouxeram para onde estou hoje. Não só física, não só etária, mas também política no campo que estou hoje, de educação. Estou me formando em pedagogia, é meu último semestre na graduação e meu trabalho de conclusão tem muito a ver com educação étnico-racial e na verdade tem a ver com educação étnico-racial e estudos decoloniais

na educação infantil. O campo que pesquiso dentro da educação fala muito das minhas vivências, como disse anteriormente, e trabalho muito com a arte dentro da educação, principalmente a arte contemporânea. Busco utilizar referenciais negros latino-americanos, mas principalmente negros para mobilizar minhas ações com as crianças. Também gosto muito de andar de bicicleta, faço ioga, faço terapia, tenho buscado me cuidar mais mentalmente, principalmente nesse período de pandemia. Infelizmente é preciso dizer que é um privilégio poder ficar em casa, não sair para rua, se expor... É um pouco disso que tenho a dizer.

Antes de trazer as análises em si, acho importante enunciar que preparei um material de apoio na hora de exercer o “controle da narrativa” e acho justo apresentar esse material para quem ler este trabalho. Também é uma chance de ter contato com a produção fotográfica e assimilar aquilo que as palavras não conseguem dizer.

2.3.1 Ensaio Um: Desejo de Brancura

Na brilhante tese de doutorado de Isildinha Baptista Nogueira, intitulada “*Significações do Corpo Negro*”, há elementos psicanalíticos que ajudam a compreender a constituição psíquica do sujeito negro frente ao cenário racial imposto. A partir da obra de Jurandir Freire Costa, Isildinha mostra a violência subjetiva a qual o sujeito negro é exposto, uma vez que “um peso insuportável, se impõe ao negro, através de uma “norma psico-sócio-somática”, criada e imposta por uma classe dominante branca” (NOGUEIRA, p. 87) atravessa a constituição psíquica do sujeito negro. Na perspectiva psicanalítica posta por Isildinha, o processo de construção de identidade se dá a partir de uma conjugação entre aquilo que é ofertado nas relações parentais e sociais. Porém, para o sujeito negro, há um impeditivo de acesso harmônico dessa conjugação em razão de “O modelo de identificação normativo-estruturante com o qual ele se defronta é o de um fetiche: o fetiche do branco, da brancura” (NOGUEIRA apud COSTA, p. 88). E essa proposição feita por Isildinha inspira o ensaio nominado Desejo de Brancura. É uma sequência de fotos contendo uma narrativa sobre o desejo de brancura atuando na infância, há uma criança negra brincando com uma boneca branca e o rosto dessa criança pintado de branco, na sequência a criança está limpando o rosto com a ajuda da mãe e por fim, a criança com o rosto limpo brincando com um boneco negro. Nessa produção, falo dos processos de subjetivação que pessoas negras passam, principalmente no início de vida.

A mãe negra, como já foi observado, ama seu bebê, mas nega, ao mesmo tempo, o que a pele negra representa, simbolicamente. Tal dualidade vai marcar a experiência do espelho na criança negra, caracterizando seu processo de identificação: coincido com o que, da minha imagem, corresponde ao desejo materno; não coincido com o que, dessa mesma imagem, contraria o desejo materno (BAPTISTA, p. 93, 1988).

Há de considerar a data da produção assim como a perspectiva teórica que a autora lança mão; uma leitura mais simplista pode “culpabilizar” a “mãe negra” por qualquer eventual dificuldade em termos de identificação, o que não é verdade. Podemos compreender então como “função materna”, algo que não recai necessariamente sobre o indivíduo.

Nessa produção trabalho com polissemia de sentidos, onde a boneca branca representa tanto o significado do ideal de identificação subjetiva quanto a materialidade em si, a boneca é produto externo ao seio familiar e ainda assim pode atuar como elemento de subjetivação, desse modo enuncio a dinâmica de influências entre a família e o social.

Figuras 3 e 4 – Sem nome.



Fonte: acervo pessoal (2021).

Na sequência, há fotos com a criança removendo essa “máscara branca”. Revelo a posição de sujeito da criança nesse processo, assim como a influência materna em direção a um processo de identificação que rompa com o desejo de brancura. Nota-se que o filho também ajuda a mãe remover a própria “máscara branca”. Ainda resta um desejo de brancura na mãe que pode atravessar o desejo materno em si, pois como apontou Isildinha o amor da mãe em direção ao filho é marcado pela negação daquilo que simbolicamente representa a pele negra.

Figuras 5 e 6 – Sem nome.



Fonte: arquivo pessoal (2021).

Figura 7 – Sem nome.



Fonte: arquivo pessoal (2021).

Por fim, chegamos nas últimas fotos dessa produção: a relação da criança com um boneco negro. A escolha do cenário não é inocente e tanto o balanço quanto a gangorra evidenciam o contorno de equilíbrio, algo que se deve ter como horizonte na busca pela ruptura do desejo de brancura. Não se trata aqui de uma relação maniqueísta onde não mais se tenha interações com a branquitude, mas sim que essas relações não mais signifiquem uma afetação de subordinação e com custos psíquicos.

Figuras 8 e 9 – Sem nome.



Fonte: arquivo pessoal (2021).

2.3.2 Ensaio Dois: Negro-tema e Negro-vida

Esta produção fotográfica é inspirada na seguinte passagem que Guerreiro Ramos traz no ensaio de 1955 denominado *A Patologia Social do Branco Brasileiro*:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objeto de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados “antropólogos” e “sociólogos”. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida.

O negro-tema é uma coisa examinada, olhada, vista, ora como ser mumificado, ora como ser curioso, ou de qualquer modo como um risco, um traço da realidade nacional que chama a atenção.

O negro-vida é, entretanto, algo que não se deixa imobilizar; é despistador, profético, multiforme, do qual, na verdade, não se pode dar versão definitiva, pois é hoje o que não era ontem e será amanhã o que não é hoje (RAMOS, 1955, p. 215).

A complexidade do pensamento de Guerreiro Ramos é permeada por múltiplas nuances, todavia, nessa passagem em específico pode-se perceber sua posição de um caráter indefinível da experiência negra no mundo. Para o autor, toda forma de classificação e

identificação denota uma certa desumanização e nesse sentido há um problema nas produções de saber acerca das relações raciais. Ao colocar o negro como objeto de estudo, se classifica, determina e limita o campo de possibilidades da existência. É possível perceber esse apontamento no artigo *O problema do negro na sociologia brasileira*, de 1954:

Neste ponto, é oportuno perguntar: Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? [...].
Determinada condição humana é erigida à categoria de problema quando, entre outras coisas, não se coaduna com um ideal, um valor ou uma norma. Quem a rotula como um problema, estima-a ou a avalia anormal. Ora, o negro no Brasil é objeto de estudo como problema na medida em que discrepa de que norma ou valor? (RAMOS, 1954a, p. 190-191).

Guerreiro Ramos, por tanto, advoga em nome de uma universalidade onde o negro, sendo considerado como “normal”, deixaria de ocupar o lugar de problema e passaria a constituir o “universal”. Partindo das reflexões postas aqui, há o resultado de duas produções, uma partindo do “negro-tema” e outra partindo do “negro-vida”.

Na primeira produção, construí um ornamento composto por fotografias de diferentes momentos da vida que a modelo elegeu. Esse ornamento também cobre parte do rosto da modelo, não permitindo que a enxerguemos por completo. A produção diz das narrativas que moldam a experiência negra a partir do lugar único; seja como irmã, filha ou universitária, ou seja, sobre tematizar a experiência negra.

Figura 10 – Sem nome.



Fonte: arquivo pessoal (2021).

A segunda produção explora uma dimensão mais sensorial, onde tirei uma foto-retrato da modelo e solicitei que algumas pessoas próximas a ela dessem um depoimento sobre a

própria modelo. O espectador olha para a imagem enquanto escuta esses áudios sobrepostos, a ideia é imprimir o caráter indefinível que Guerreiro Ramos fala sobre o “Negro-vida”. Como há um elemento fundamental, o áudio, não é possível trazer o exemplo para esta escrita.

No capítulo a seguir apresento as análises construídas a partir da metodologia proposta, destacando o fazer da pesquisa através da fotografia negra e seus achados acerca dos temas do desejo de brancura e da humanidade.

3. FOTOGRAFIA: ENTRE O TEMA E A VIDA - O FAZER FOTOGRÁFICO

E a experiência em si, foi bem profunda... Até por que no contexto acadêmico num geral, não me deixo entregar muito porque na graduação é um material muito ocidentalizado e eurocêntrico, a graduação inteira é isso. Então, quando chega esse material, principalmente que vem de gente preta e que está tentando subverter essa ordem, vem de um jeito bem emocionante. Uma coisa é tu ler um texto bem enquadrado, formatado e que vai ter introdução, metodologia e conclusão, outra coisa é tu conseguir relacionar tudo o que já sabe através de uma fotografia por exemplo. Esses materiais audiovisuais têm um dispositivo pedagógico muito bem articulado e que está na intencionalidade de quem criou aquilo. Óbvio, vai bater em cada um de um jeito, mas tendo a articulação, a mediação de quem criou... A teoria por trás da arte fica nítida (Colaborador 1).

A expressão acima desvela o impacto da *fotografia preta* na qualidade de maneira de construir saber em relação com o ato dialógico que pode ser educar, transformando-se no que o próprio colaborador enuncia como dispositivo pedagógico. Encontro-me num desafio ao propor um diálogo entre educação e fotografia; o único lugar que não me é inédito diz respeito às relações raciais e, principalmente, às múltiplas possibilidades de existência negra.

Falar sobre fotografia tem colocado questões sobre o meu fazer fotográfico: a fotografia que produzo pode ser considerada uma produção artística? Embora venha a me debruçar sobre tais reflexões, não as tratarei com profundidade, pois não são o cerne do projeto.

Sobre minha produção fotográfica, afirmo que ela tem uma intencionalidade, um endereçamento e uma localidade, um posicionamento político frente ao mundo. Eis onde residem minhas dúvidas, se meu fazer fotográfico pode ou não ser considerado arte. Pode parecer paradoxal, porém enxergo na minha relação com a fotografia, um rigor criativo. Ou seja, para além das dimensões subjetivas/inconscientes que me atravessam, busco um constante diálogo com a experiência vivida e com perspectivas político-teóricas de pensadoras e pensadores negros. E é nesse contexto que afirmo: Meu compromisso não é com a liberdade *a priori* e sim com uma liberdade a ser forjada. Apostando na educação como agente emancipador, busco forjar liberdade nos mais amplos sentidos, e a fotografia é uma ferramenta que atua no campo imaginativo acerca da experiência da existência negra para

além das amarras do racismo. Não pretendo, com isso, criar dogmas ou novas amarras; mas propor um devir negro, reconhecendo os limites impostos pelas condicionalidades de tempo/espço.

Para o senso comum, a fotografia não pode mentir (DU BOIS, 1988), é tida como fiel da balança, prova cabal, satisfaz o desejo de “ver para crer”; todavia, críticos e teóricos da imagem vêm realizando debates acerca das concepções epistemológicas e ontológicas da imagem. Em linhas gerais, há três grandes perspectivas:

(a) Fotografia percebida como mimética do real;

(b) Fotografia lida não como um mero espelho do real, mas sim como um instrumento de análise e até mesmo transformação do real;

(c) Fotografia traz consigo um indissociável sentimento de realidade, mesmo que se tenha ciência de todos os signos e símbolos que carrega consigo.

Particularmente, penso a fotografia para além de uma imagem fixa, estática. Fotografia é viva, mexe com a ordem cronológica do tempo. Quando você pega uma foto na mão e ela existe no presente, não importa o quão recente é, uma imagem retrata o passado e possibilita projeção imagética. Neste trabalho, então, a relação estabelecida com a fotografia está para além de algo mecânico/químico e fixo, está para a busca por um processo pulsante e não findado capaz de traduzir e/ou moldar realidades.

A foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de uma fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas em trabalho, algo que não se pode comprová-la literalmente: algo que é, portanto ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse “ato” não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (gesto da “tomada”), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação (DU BOIS, 1988, p. 15).

Por tanto, na relação “traduzir/moldar realidades”, tão importante quanto a concepção (intencionalidade) por trás de uma fotografia está sua difusão e a absorção de seus signos e significados. Importante frisar que neste escrito vou trabalhar com a concepção deleuziana de “signo”, embora Deleuze (2010) não defina conceitualmente o que seria um signo (apesar de nos dar diversas pistas). Para o autor, existe uma associação entre a interpretação dos signos e um processo de aprendizado. Deleuze compreende o signo como uma ação de violência, pois nos força a pensar para um lugar outro do que o aparente, para além de uma representação. Desta forma, os signos estão mais próximos de um ato do que de um objeto. Num primeiro momento, o signo na forma convencional é aquilo que nos fazer saber, e num segundo momento nos fornece a incerteza, nos influenciando a procurar para além do aparente. Ou

seja, o signo está numa distância menor da abertura do que do fechamento, mais perto da incerteza do que da certeza. Então, o signo seria algo para se decifrar e em certa instância, nos fornece um problema, que faz o sujeito buscar um sentido para dar continente a uma nova verdade. É imprimindo a noção deleuziana de signo, nas imagens que pretendo criar, que busco um acontecimento capaz de perturbar algumas das noções supostamente universais, uma desestabilização em determinadas certezas onde o intérprete, em contato com o objeto (as fotografias) se veja estimulado a formular uma nova interpretação, algo novo.

3.1 Gingando entre o estático e o tático

Usando a expressão “pensamento negro”, sintetizo o universo de perspectivas que autoras e autores negros desenvolveram e desenvolvem. Teorias, práticas e críticas relacionadas à experiência negra no mundo; quando se fala da existência negra, há uma gama de possibilidades, epistemologias e perspectivas políticas, repletas de potencialidades e limites. No atual tempo e espaço em que me encontro, percebo a penetração de diversas perspectivas do pensamento negro, de forma crescente, na academia. É verdade que algumas perspectivas são mais palatáveis (para uma parte da academia) que outras. Não pretendo me aprofundar nas perspectivas teóricas em si, mas refletir algumas possíveis dinâmicas que permitem alguns pensamentos negros terem mais difusão do que outros, além do que é importante frisar: meu fazer fotográfico está ancorado em algumas discussões teóricas acerca das relações raciais, fazendo-se assim necessário mostrar um pouco do percurso epistêmico.

3.2 Lugares e não lugares

Começo trazendo uma discussão importante a partir do texto de Gayatri Spivak, intitulado *Pode o subalterno falar?* (2010). Meu intuito é desnudar este escrito de qualquer traje maniqueísta. São diversos pontos a se destacar, todavia o farei apenas com alguns. O primeiro é uma crítica frontal à Deleuze e Foucault, que advogam *em nome* dos sujeitos subalternos. Spivak (2010) fala que os sujeitos subalternos não precisam ser representados, pois são capazes de lutarem de forma autônoma. A questão levantada por Spivak é muito pertinente, pois mesmo que Deleuze e Foucault possam criticar um sistema hegemônico, ainda assim fazem parte desse sistema. Todavia, quando a autora indiana escolhe tomar posse dessa condição de “subalterno”, em alguma instância, há o risco da não ruptura de tal lógica; está se forjando toda uma estética terceiro mundista e essa estética está em função da existência de um imperialismo. Ou seja, para a existência “terceiro mundista”, haverá de existir o primeiro mundo.

Outra discussão importante é feita a partir da obra *O Atlântico Negro - Modernidade e dupla consciência* (2001) de Paul Gilroy, no que diz respeito à perspectiva defendida por Patricia Hill Collins, de uma “essência feminina negra”. Seguindo no debate, Paul Gilroy afirma que está presente no pensamento de Hill Collins a seguinte percepção:

A massa de mulheres negras possui experiências que abrem caminho rumo a formas únicas de consciência. Entretanto, elas são incapazes de “articular” o seu ponto de vista e para fazerem isto necessitam da ajuda de um quadro de elite de intelectuais negras que vacinem as pessoas comuns com os produtos de sua teorização crítica, com isto gerando resistência (GILROY, 2001, p. 121).

Partindo da premissa apontada por Gilroy, torna-se tangível um paralelo com a situação apontada por Spivak em relação a Deluze e Foucault. Todavia, os intelectuais europeus eram estrangeiros, diferente de Patricia Hill Collins, uma mulher negra. Ou seja, mesmo que Hill Collins seja uma mulher negra, em certa instância, essa condição não impede dela edificar um discurso que subalterniza outras mulheres negras (aqui cabe frisar que estou falando em campos de possibilidades, e não afirmando que tal situação tenha ocorrido de fato). Hill Collins, além de mulher negra, é intelectual; uma condição distinta das mulheres negras “não intelectuais”; ao mesmo tempo em que ela ocupa o lugar “mulher negra”, ela também ocupa um lugar outro de “mulher negra intelectual”, algo que podemos chamar de “lugar híbrido”. Existe uma complexidade frente aos diferentes olhares que nos constituem e como respondemos a eles, mesmo esses olhares sendo positivos e vindo da própria comunidade. Vejamos a fala a seguir:

Não sei se vou conseguir traçar tanta relação entre os dois, mas vou começar pela imagem. Essas fitas na cabeça me lembram coroa, observei as fotos que estão na cabeça e me parece muito ser a própria mulher em diferentes etapas da vida. São diferentes períodos dessa mulher negra e tudo isso está na cabeça dela, faz parte de quem ela é. Não só fazem parte, mas são importantes... E os ornamentos no rosto que são amarelos e isso me lembrou fartura, o amarelo me lembrou fartura, no sentido de ser valioso. O vídeo me tocou bastante, porque consegui traçar alguns paralelos comigo... Basicamente são pessoas falando sobre ela e na imagem ela está com os olhos fechados e isso me remeteu muito a peso, talvez porque o que consegui distinguir das falas são coisas boas e isso é importante mas ao mesmo tempo é um peso muito forte de colocar em alguém, de que ela é uma referência. Acho que porque eu também acabo sendo colocada nesse lugar e o quanto que é muito perverso e me veio muito isso. Ao mesmo tempo que é um peso, é reconfortante saber o que os teus te reconhecem e valorizam teu trabalho (Colaboradora 3).

Tais reflexões têm atravessado meu fazer acadêmico. É um desafio escapar de lugares previamente estabelecidos ou mesmo forjar discursos que não subalternizem outros pares. É possível que em algum momento, durante meu fazer acadêmico, eu acabe por reproduzir alguma dessas situações. Todavia, é fundamental um constante estado de atenção e reflexão em relação à própria prática para minimizar tal ocorrência.

Cara, tu sempre me falou dessa vontade na fotografia de ter o controle na narrativa. Porque é isso, muitas vezes fazemos as fotos pela estética, por que nos é pedido e muitas vezes tu não consegue pensar o quanto aquilo pode abrir espaço para outra narrativa e tu conseguir atrelar isso a algo teórico, para mim, é algo novo e ao mesmo tempo difícil de fazer... O olhar é muito individual, saca? Do fotógrafo e das outras pessoas, mas ao mesmo tempo pode ser um olhar coletivo tendo em vista o que o mundo nos impõe como os arquétipos das pessoas saca? Então é difícil tu conseguir controle da narrativa (Colaborador 1).

Penso que este trabalho é principalmente a *fotografia preta* enquanto proposta metodológica caminhem na direção da ruptura do binário e da polarização. Como visto na fala do Colaborador 1, há uma junção da minha intencionalidade, da teoria e da produção em si. Existe aqui um convite para transitar por diferentes lugares, e ter em mente que tão importante quanto os lugares é o trânsito em si.

3.3 Limites

O texto *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas* (2004), da autora Oyèrónké Oyěwùmí, é de grande valia no debate, pois entre outros méritos, consegue provincializar a concepção eurocêntrica de gênero e impor um limite no alcance do debate feminista. O argumento central é de que pesquisadoras feministas usam gênero como forma de explicar as relações, assim tomam a categoria “mulher” como universal e, com a categoria “mulher”, a lógica nuclear patriarcal também é universalizada; então como outra lógica possível para compreender gênero e relações parentais, Oyěwùmí mostra algumas configurações familiares que a própria autora nomeia como “não-generificada”, pois a construção e organização se dá por uma relação de senhoridade. Com a leitura do texto de Oyèrónké Oyěwùmí, não se pode ter a impressão de que não existam relações de gênero opressivas nos contextos africanos/não-europeus, mas de que ao olhar para cada contexto, é necessário compreender suas dinâmicas próprias. Ampliando a discussão a partir do texto, a ideia de universalidade é posta em xeque. Mesmo uma proposta contra-hegemônica (no caso o feminismo), de alguma forma pode se tornar, mesmo que por alguns momentos, hegemônica - e nesse jogo de hegemônico e contra-hegemônico existe o resto, aquilo que nem mesmo o jogo pode jogar. Neste ínterim, endereço minhas palavras para todas as pessoas que necessitam restituir sua humanidade; para todas as pessoas que de alguma forma têm sua existência negada, mas confesso: em minha mente estão necessariamente pessoas negras. Isso não implica numa exclusão ou separação, mas significa uma compreensão de mundo. Antes de mudar o outro, tenho um árduo trabalho em mudar a mim; antes de mudar o futuro, necessito mudar o presente e, dentro dessa perspectiva, mudar o outro ou mudar o futuro não significa impor verdades prévias, significa existir na diferença.

O desafio de existir na diferença é complexo, temos uma tendência em potencializar aquilo que acreditamos, os caminhos políticos, perspectivas ideológicas, etc. Proponho um caminho quase que inverso ao da potencialidade, chamo de exercício de provincialidade. Nesse exercício, evidenciamos justamente os limites, as falhas, as contradições daquilo que acreditamos/escolhemos como perspectivas políticas, teóricas, visões de mundo, etc. Esse exercício talvez seja condição que antecede a ideia de pluriversalidade (NOGUEIRA,2012) e é onde ancoo epistemologicamente essa ideia. Obviamente, a constituição de uma noção universal do que seja a fotografia é o que não desejo evoluir nesse estudo, na perspectiva de que a pretensa universalidade pudesse ser um contraponto à provincialidade.

Quando “diferentes” (pessoas, grupos, culturas) se relacionam a partir das potencialidades, existe uma espécie de disputa, explícita e/ou implícita, para que uma ou outra verdade possa prevalecer. Todavia, quando “diferentes” se relacionam a partir do exercício da provincialidade, existe espaço para que o novo surja, para que um se complete na relação com o outro.

Talvez eu seja um pouco suspeita para falar, mas eu acredito e trabalho muito com a arte como um disparador para propostas educativas, então utilizo muito a arte contemporânea para trazer uma imagem positivada de pessoas negras. Lembro que fiz uma saída de campo com as crianças para pinacoteca Ruben Berta e lá havia uma exposição da artista Mitti Mendonça, que é de São Leopoldo. E estava expondo e estava presente, encontrou com as crianças e mostrou o trabalho dela, as motivações e o que mobilizava ela. Ela trabalha muito com bordados e sua inspiração vem das mulheres de sua família e isso foi ressignificado através da arte. O mais interessante é que eu já trabalhava com as obras da Mitti, as crianças já sabiam quem era a Mitti. Quando as crianças chegaram na pinacoteca já tinham uma propriedade da artista e da obra. Então acredito muito e trabalho na perspectiva da imagem como um disparador, como algo que nos auxilia numa educação étnico-racial. Acho que no fim, se tornou muito palpável para mim teu ensaio e comecei a tecer várias coisas... Acho que vemos pouco na educação a fotografia como ferramenta, também penso que tua formação na Psicologia contribui muito para essas análises. Eu faço uma análise mais superficial, não faço uma análise psicológica disso, mas acho que contribui muito e o quanto que ficou interessante ocupar esse outro lado, de expectadora (Colaboradora 3).

A *fotografia preta* preconiza o exercício da provincialidade, evidenciar o lugar de onde se fala, as intenções e os limites. Deixar brechas. Acredito ter conseguido traçar algo nesse sentido, a Colaborada 3 trouxe dimensões de sua experiência e costurou com aquilo apresentado nas produções. Ela ainda ressaltava como a fotografia auxiliou e ajudou ela a tecer novas possibilidades.

Ainda assim, há uma realidade nessa época que necessita ser compreendida: o sujeito negro está doente e boa parte dessa doença se dá pelo fato do sujeito negro estar num mundo branco. Há uma necessidade desse sujeito caminhar em direção à cura, e a cura não está na própria doença. Desta forma, antes de pensar numa relação com o diferente (seja pela via da

potencialidade, seja pela via do exercício de provincialidade), o negro precisa reencontrar-se, forjar uma humanidade possível para si, deixar de ser refém de um ideal de liberdade que lhe dá uma apenas um caminho possível, e trilhar a direção do próprio destino.

3.4 Humanidade da ausência

A segunda imagem, que é a criança olhando essa boneca, me remeteu muito à questão que é tu olhar para um espelho que não te reflete e não reflete tua realidade, uma imagem distorcida de si. É interessante que comparei com minhas vivências e minha trajetória, das minhas referências serem muito brancas. Não só os brinquedos, na adolescência as cantoras... Ainda mais que cresci nos anos 2000 e o pop era muito forte. E o que eu queria ser, com quem queria parecer... Não era algo da minha realidade. Na verdade, esse espelho que eu olhava eram outras crianças brancas e eu queria ser como elas (Colaboradora 3).

A fala da Colaboradora 3 sintetiza muito da experiência negra num mundo branco e de como pensar o conceito de Humanidade é importante. Mas pensar esse conceito a partir de outros termos, pois os termos atuais e a hegemônicos acerca do que se compreende por Humanidade não conseguem contemplar parte da existência negra no mundo.

Intelectualmente falando, uma das figuras que julgo mais significativas e de maior contribuição para minha pesquisa é Frantz Fanon. O autor martinicano faz um movimento político e intelectual em que me espelho, pois dialoga com diferentes perspectivas epistêmicas, consegue fazer críticas e apontar limites sem negar eventuais contribuições. Negritude, Marxismo e Humanismo são algumas das fontes intelectuais nas quais Fanon bebe. A partir de uma experiência pessoal, Fanon faz uma indagação que vai perpassar por quase toda a sua produção. Nascido na Martinica (então colônia francesa), até sua adolescência o autor se enxergava um francês e após ter a oportunidade ir até a França, percebe que os franceses não o enxergavam como um compatriota, mas sim como um martinicano. Então formula a questão: qual o critério para ser francês? Do ponto de vista da França, ser francês é universal? Ele chega à conclusão: ser francês é ser branco (2008). No seu percurso acadêmico, destaca-se o fato de quando apresentou seu trabalho de conclusão intitulado *Ensaio sobre a alienação do negro* para seu orientador, Fanon teve um retorno extremamente negativo. Em duas semanas, cria outro texto com embasamentos positivistas e, por fim, seu trabalho é aprovado com distinção. O texto inicialmente rejeitado é publicado mais tarde com outro título *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008). A referida obra é uma das mais significativas para compreender o processo colonial e suas repercussões psíquicas na pessoa negra. Um dos conceitos mais importantes é o de “alienação colonial”, onde ele argumenta que não basta o indivíduo colonizado ter ciência da sua condição, é necessário possibilidades práticas para a desalienação. Logo, não basta mudar a visão sobre o mundo, é necessário mudar o mundo. Conforme Fanon, “só haverá uma autêntica desalienação na

medida em que as coisas, no sentido o mais materialista, tenham tomado os seus devidos lugares” (2008, p. 29). Fanon faz uma análise do período iluminista do século XVII. Para os pensadores desse período existe uma dicotomia entre razão e emoção e a razão acaba ocupando um lugar privilegiado. De acordo com Fanon, os iluministas definiram o todo (humanidade) a partir de si (Europa). Junto da concepção de razão, dimensões como “Estado”, “tecnologia” e “ciência” acabam entrando no bojo dessa “humanidade” repleta de ausências. Segundo o autor, a questão que permanece é: e quem não é branco? É menos humano? Logo, para a pessoa negra em diáspora, embranquecer-se pode significar uma busca por humanizar-se. O Ensaio 1 atua justamente nas reminiscências desse movimento de caminhar em direção à brancura e das reverberações no contemporâneo. É um passo importante para enfrentar o próprio desejo de brancura.

3.5 Desejo de brancura: diálogos através da *fotografia preta*

Paulo Freire (1989) definiu a leitura como uma prática sociocultural que delineia a forma como podemos compreender o mundo. Ler o mundo, porém, não exige apenas o domínio da escrita. Homens e mulheres podem ter um imenso caudal de conhecimentos de vida e não dominarem a escrita, mas a oralidade. Da mesma forma, o mundo pode ser compreendido por imagens. A leitura ultrapassa a simples decodificação de uma convenção que é a palavra escrita nos seus componentes gráficos e fonológicos, mas diz respeito à compreensão, interpretação, atribuição de significados ao texto e ao mundo. Paulo Freire (1989) afirma que a leitura da palavra é sempre precedida por uma leitura de mundo, e que ao ler um damos continuidade à leitura do outro. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas pode ser sobreposta por distintas maneiras de escrever e reescrever o que entendemos por mundo e por Humanidade. Reescrever pode ser transformar o mundo, através de nossa “prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13). No caso de uma sociedade estruturalmente racista, transformar o mundo é lutar pela erradicação do racismo pautado pelo desejo de brancura.

Vejamos um diálogo produzido no processo investigativo acerca da sequência de imagens – Ensaio sobre Desejo de Brancura, interposta após a devolutiva que fiz sobre a primeira impressão do colaborador:

Aquela foto da mãe caiu muito bem nessa coisa do parental né... Porque acaba meio que simbolizando isso né... de quanto às vezes, não sei se consciente ou inconsciente (até porque isso é do teu campo né) a família força isso e acaba sendo um ciclo até conseguir quebrar. E de uma maneira até poética essa foto tu conseguiu mostrar isso na foto, não que o processo em si de sentir branco não seja violento, mas essa quebra

ali... Ele se limpando e limpando a mãe pareceu uma libertação poética, não teve que ter nada muito trágico (Colaborador 1).

Ressalto aqui a narrativa que desejo destacar e que se relaciona com o que apontei anteriormente como uma Ética e uma Estética própria da *fotografia preta*, onde a libertação é a positividade desejada na narrativa e não a vitimização ou memorização propiciada pelo desejo de brancura incorporado no processo de racismo próprio do projeto colonizador. Reitero a colonialidade pensada a partir de Frantz Fanon e sua reflexão acerca da ausência de humanidade e do assujeitamento negro no processo colonizador impetrado pela Europa sobre os povos africanos.

Toda vez que revisito a obra de Fanon, fico com a sensação de absorver algo novo e de que algo que me escapa. Mas o que mais me convoca é pensar a experiência negra no mundo branco, e a linguagem é um importante elemento no pensamento do autor. Fanon revela a colonização não apenas como uma condição material em que uma população domina a outra. A colonização também subsidia caminhos pelos quais os indivíduos se comunicam e se expressam, produzem cultura, cinema, teatro. A linguagem é um ponto central nesta relação: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33). Explorando a polissemia do que se pode compreender por linguagem, não estou restrito ao ato de falar, mas também a todos os signos e significados presentes em nossos contextos: como me comporto, me visto, minha aparência, meus valores, etc.

Traçando um paralelo na relação entre colonizado e colonizador, trarei um breve relato que pode sintetizar um traço da (minha) experiência negra na contemporaneidade: no diretório acadêmico do curso de Psicologia acontecia alguma reunião, da qual não me recordo o tema, mas lembro da discussão acalorada, opiniões divergentes, que estavam sendo incisivamente defendidas; porém, como moro consideravelmente distante da universidade, tive que me retirar antes da conclusão da discussão. Ao notarem que estava me retirando, alguns colegas indagaram se eu iria embora e afirmei que sim, pois se saísse mais tarde “perderia o busão”. Não compreendi o motivo das gargalhadas que vieram a seguir, perguntei qual a razão para os risos e a resposta foi que não estavam acostumados com esse tipo de expressão. Embora provinciana, essa passagem é simbólica, porque marca um lugar onde a linguagem que até então eu carregava não pertencia àquele espaço. E mais: marcou a necessidade de me apropriar desta nova linguagem própria da Psicologia e da universidade.

Sobre o processo de colonização e a linguagem, Fanon afirma:

Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição

diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será (FANON, 2008, p. 34).

Ainda que o desejo de pertencer a esse novo lugar que me foi apresentado (universidade) persista, com o passar do tempo fui percebendo que, independente dos movimentos que fizesse, jamais pertenceria, de fato, a este local. Contudo, é inegável que estar na universidade me afetava e ainda afeta, a tal ponto de também me fazer não pertencer ao local de onde venho. Creio que esse movimento de afetação foi reativado no processo de pesquisa, através dos diálogos que desenvolvi a partir do meu ensejo de tratar de temas necessários e obrigatórios na educação das relações raciais. A linguagem escrita e falada são meios pelos quais estabelecemos conversação e expressamos leituras do mundo, e aqui queremos trazer a insurgência pela fotografia como possibilidade de expressão e de diálogo intercultural. Menezes, Bergamaschi e Pereira (2015) apresentam experiências de utilização de imagens em formação com educadores indígenas – Guarani e Kaingang, destacando a fotografia como uma forma de compreensão de um fazer que se dá inclusive em outra língua, colocando-a como ato potente nos diálogos interculturais. Para a autoria,

É imperativo que encontremos outros meios, outras formas que escapem a nossa necessidade constante de compreender, ou seja, de aprender as coisas. O pensamento deve ser invadido pelo Outro para que o diálogo intercultural aconteça, como uma profunda abertura do pensamento ao que é estranho, estrangeiro (MENEZES; BERGAMASCHI; PEREIRA, 2015, p. 18).

Nesse estudo, a insurgência se dá como reação ao assujeitamento do negro e protagoniza a criação de sua própria enunciação através do controle da narrativa exercida na produção do diálogo.

Ao apresentar o Ensaio sobre Desejo de Brancura para um pedagogo em formação inicial, já atuando na educação infantil, ouvi o seguinte:

A primeira imagem, desse menino negro com o rosto pintado de branco, pensei “nossa, que forte”. Daí fiquei analisando porque pensei isso, de uma criança com o rosto pintado de branco segurando um boneco branco ser uma imagem forte. Então pensei o quanto essa dinâmica é real no contexto escolar, com crianças pequenas. É algo que está dado mas não explícito dessa forma. Claro, de certa forma eu enxergo porque sou mobilizado por essas questões, mas um outro grupo de professores ou alguém que não lida ou não tem essas preocupações diria: Nossa, porque essa criança está com o rosto branco? Nada a ver, um pouco forte né!?

Seriam análises que poderiam ser feitas. Então, a primeira ideia que me dá é do estranhamento, porque não vemos isso de forma nítida mas isso está dado através das dinâmicas, principalmente na educação infantil. Esse rosto de branco, é como se a tinta estivesse invisível no dia a dia (Colaborador 2).

A dimensão do dado pouco explicitado, abordado pelo Colaborador 2, remeteu-me a pensar a sensação de ocupar um lugar híbrido por mim experimentada também como parte do

mundo acadêmico. As crianças, no entanto, não possuem essa relação formalizada com a linguagem, como expressão de suas leituras de mundo.

O desejo de brancura é o que parece inadmissível para nossos olhos. O desejo do colonizado/negro de pertencer ao lugar do colonizador, como uma escola ou universidade de maioria branca, com o passar do tempo vai consolidando um sentimento de não pertencimento, de fato, a este local. Contudo, é inegável que estar nesses espaços afeta o sujeito, a tal ponto de também lhe fazer não pertencer ao local de suas origens. Fica-se com a sensação de ocupar um lugar híbrido e argumento aqui que podemos depositar na relação com a linguagem parte desse lugar híbrido.

Como diz a música *Negro Drama* (2002), do grupo de rap Racionais MCs: “Aí, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?” Mesmo que hoje eu possua um linguajar minimamente mais rebuscado, o “gueto” para os Racionais, ou a “selva” para Fanon, sempre marcarão o lugar de onde venho. Assim como, dentro do “gueto”, através do meu “novo” linguajar, estará marcado que já não mais pertenço àquele espaço.

Que quer o homem?
Que quer o homem negro?
(FANON, 2008, p. 26)

Ainda sobre a questão da expressão do sentimento, pela linguagem em suas diferentes possibilidades, destaco a fala do Colaborador 2, após a devolutiva em que narrei o que havia proposto como narrativa no ensaio, acerca do desejo de brancura e a presença dos brinquedos (boneca branca) nas imagens:

Enquanto tu foi falando, eu fui olhando as fotos de novo e deu para visualizar muito bem o que tu dizia. No início faz todo sentido que a boneca branca seja o jeito que o guri estava se expressando. Nessa idade, todos os anseios, expressões, vontades e medos são expressos através da brincadeira... Com a boneca branca ou não, porque chega um determinado momento em que a criança não necessita mais de brinquedo para expressar o que está sentindo (Colaborador 2).

Logo no início de *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008), Fanon questiona qual seria o desejo da pessoa negra, e ele próprio responde: o homem negro quer ser humano. Considerando o que já foi exposto, para a pessoa negra em diáspora, o desejo de ser humano pode ser traduzido por um “desejo de brancura”. Em menor ou maior grau, o desejo de brancura afetará toda pessoa negra em diáspora. Desde o início de seu desenvolvimento, a pessoa negra sofre com a experiência de estar num mundo branco, onde “ser humano” é ser a brancura propriamente dita. Quanto mais próximo da brancura, mais próximo da humanidade. A partir dessa relação com o mundo, as ações da pessoa negra estarão afetadas pelo desejo de brancura: o modo de falar, de se portar e até com quem nos relacionamos.

Trazendo para a contemporaneidade, tenho uma inclinação em pensar o movimento Negritude e seu “essencialismo” como uma forma de proteção ao mundo branco e ao desejo de brancura. Todavia, quando percebemos os limites desse movimento, uma alternativa seria o que se chama de “identidade fluida”, capaz de perpassar por diferentes espectros da cultura, constantemente se reinventando. O perigo dessa “fluidez” é justamente ser capturado pelo desejo de brancura.

A noção comum de racismo como um fenômeno relativo apenas à cor da pele escamoteia sua natureza mais profunda, que reside na tentativa de desarticular um grupo humano por meio da negação de sua própria existência e de sua personalidade coletiva. Reduzir os africanos e seus descendentes à condição de negros, identificados apenas pela epiderme, retira deles o referencial histórico e cultural próprio. Assim sua própria condição humana é roubada (NASCIMENTO, 2008, p. 30).

Penso não existir uma resposta definitiva frente às muitas questões colocadas, todavia isso não é impeditivo de apostas. Nesse sentido, apostar no processo coletivo, entre sujeitos negros, é um caminho possível como resgate e/ou forma de forjar a própria humanidade. Buscar múltiplas possibilidades de existir enquanto sujeito negro, tendo os devidos cuidados para, de um lado não criar condições estratificadas e de outro, não ser capturado pelas forças hegemônicas. Em suma, essas são algumas das questões que sustentam não somente o meu fazer fotográfico, mas também a forma como me situo no mundo.

(...) pesquisa realizada como objetivação de uma atividade criadora que se apresenta como obra a ser lida, degustada, devorada, deglutida. Obra que reinventa a própria vida, em vez de somente explicá-la ou compreendê-la. Testemunho de um fazer ciência para o qual não há alibi: não se apresenta o discurso do método singular como seu fundamento, mas as escolhas éticas e estéticas do pesquisador que se reinventa, bem como a realidade investigada no próprio processo de pesquisar (ZANELLA, 2013, p. 21).

O fazer intelectual proposto aqui é também um ato político, uma vez que está compromissado com a transformação de realidades. Desta forma, busquei construir uma metodologia que amparasse, talvez não em sua totalidade, as questões postas também para mim como sujeito protagonista desta investigação e imbricado no mundo pela minha experiência de provincialidade. Criei uma espécie de convite para viajar para além do disciplinado (ZANELLA, 2013).

É o que propus no Ensaio Fotográfico como estratégia de disparador metodológico na pesquisa, para pensar a partir da vida e não do tema. Vejamos o momento de descrição do sentimento da Colaboradora 3, ao final da sequência de imagens:

São imagens muito bonitas, a criança limpando o rosto, tirando essa máscara branca. Mas a primeira coisa que pensei é: por quê? Por que essa criança está tirando a pintura branca, essa máscara branca? E obviamente, falando do meu local, fiquei pensando no que poderia ter acontecido para essa criança tirar a máscara branca. E penso muito nisso a partir da imagem a seguir, que a criança parece estar ajudando a

tirar a máscara da mãe, que também está com o rosto pintado de branco. Pensei que muitas vezes as instituições escolares propagam e reforçam o racismo e muitas crianças acabam tendo esse contraponto de afirmação étnica dentro de casa. Até mesmo através da religião, por serem de terreiro e crescerem em mesa de Ibeji, crescerem nesse contexto e chegando na escola acabam afirmando isso. Mas nessa sequência (de fotos) a criança aparece limpando o rosto da mãe, fiquei pensando em quais os motivos para isso. Nisso, pensei na questão da escola e pegando muito a minha realidade, eu como uma mulher negra acabo sendo muito referência para crianças num contexto escolar.

Já me relataram, alguns pais, que a criança não gostava do próprio cabelo e queria ter igual ao da colega branca e a partir da minha presença a criança passou a gostar mais de si. Quando você está num espaço escolar, você acaba sendo referência. Seja para bom ou para ruim. A professora normalmente é muito amada, muito querida, então estar nesse espaço que, por mais que se tente não torná-lo hierárquico, acaba sendo. Como sou a professora, tento utilizar isso de uma forma muito afirmativa com as crianças. Então eu acho que esse processo pode influenciar em casa e as crianças acabam levando essas influências para a família. Às vezes as mães de crianças negras vêm perguntar sobre meu cabelo, cuidados e marcas de produtos para usar em suas filhas. Tu acaba influenciando e intervindo nessa realidade... Foi muito isso que me veio quando vi as fotos da criança se limpando e limpando a mãe (Colaboradora 3).

Aqui o diálogo incide sobre a insurgência, o rompimento com a máscara branca, que se faz pelo processo de humanização do sujeito na relação com seus pares. Igualmente o Colaborador 2 traz a questão da insurgência pela ancestralidade, pelo jeito próprio de viver, pela perspectiva de ser o que se é, fechando os olhos e contemplando a beleza do que se é: preto! Vejamos a seguir:

Até me emocionei... A primeira coisa que me bateu na primeira foto ali foi a ancestralidade, a coletividade... Que não estamos sozinhos. Eu estudo a filosofia Bantu-Bakongo, então o que ela está usando ali na cabeça me remeteu a ideia de sol e na cosmologia Bakongo, cada um de nós é um sol vivo, materializado nesse plano físico do mundo. E ali tem várias fotos de momentos diferentes. O ciclo do sol é o que rege tanto a espacialidade quanto a temporalidade para os Bakongos, enquanto existimos no mundo físico, só existimos porque os ancestrais existem no mundo espiritual e estamos sempre nesse ciclo de retomada e retorno entre o que é vivo e o que é morto numa eterna transformação que nunca se dá na individualidade. É como num incêndio, onde uma fâsca vai colocando fogo em outra coisa... O sol ajuda o outro sol a brilhar. E o vídeo ali das pessoas falando da Cristal (a modelo da foto), tipo... Tudo aquilo que estão falando da Cristal faz a Cristal, todas as pessoas que estão falando faz a pessoa que ela é. Assim como a Cristal interfere na vida das pessoas. A Cristal não é ninguém sendo sozinha, ela é um coletivo, uma comunidade (Colaborador 2).

Percebemos, a partir da fala do Colaborador 2, como a conjugação entre o singular e o coletivo é potente, a noção de que existimos no mundo (e principalmente, na comunidade), e esse mundo nos constitui. As transformações que não necessariamente se dão, mas incidem na individualidade, dizem de uma possibilidade de pensar essa Humanidade onde a experiência negra seja comportada.

4. RETRATAR E REFRATAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme afirmado anteriormente, Paulo Freire (1989) definiu a leitura como uma prática sociocultural que delinea a forma como podemos compreender o mundo, e que ao ler um damos continuidade a leitura do outro. Ler o mundo, porém, não exige apenas o domínio da escrita. Homens e mulheres podem ter um imenso caudal de conhecimentos de vida e não dominarem a escrita, mas a oralidade. Da mesma forma, o mundo pode ser compreendido por imagens. A leitura ultrapassa a simples decodificação de uma convenção que é a palavra escrita nos seus componentes gráficos e fonológicos, mas diz respeito à compreensão, interpretação, atribuição de significados ao texto e ao mundo. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas pode ser sobreposta por distintas maneiras de escrever e reescrever o que entendemos por mundo e por humanidade. Reescrever pode ser transformar o mundo, através de nossa “prática consciente” (FREIRE, 1989, p. 13). No caso de uma sociedade estruturalmente racista, transformar o mundo é lutar pela erradicação do racismo que tem em um de seus agentes de manutenção o desejo de brancura.

A fotografia preta é uma leitura e expressão de mundo capaz de contribuir para a formação docente coadunada ao projeto educativo proposto pela educação das relações raciais e expresso nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004).

É fundamental desnudar o véu racista que constitui o saber ocidental, porém esse ato carece de cuidado, pois é um caminho muito sinuoso e repleto de armadilhas. Vejamos o exemplo de dois cânones do saber ocidental: Immanuel Kant (1724-1804) afirma existir uma natureza distinta entre Brancos, Negros e Chineses e que em cada um desses grupos havia regras de julgamento “preexistente a suas experiências”. Na visão de Kant, haveria uma “natureza” no negro que o limitaria e até mesmo impediria estabelecer qualquer julgamento digno de ser relevante, ao contrário do branco, em quem seria possível perceber a “força de dons excelentes” (KANT, 1993, p. 75). Nessa mesma esteira, o filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) afirmava que a contribuição do negro na história universal da humanidade era nula. Para o filósofo, o africano nem sequer poderia ser considerado humano, visto que não possuía nada que o pudesse classificá-lo como tal:

(...) para apreendê-lo temos que renunciar ao princípio que acompanha todas nossas ideias, ou seja, a categoria da universalidade. A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, leis (...) (HEGEL, 2008, p. 83-84).

Obviamente que o saber ocidental é mais amplo e complexo do que o apresentado a partir de Kant e Hegel, porém é inegável a contribuição deles e principalmente da lógica de separação entre razão e emoção, colocadas como campos distintos e onde uma deve ser contida (emoção) e outra deve ser expandida (razão). Vivemos num mundo onde o dito e o não-dito sobre corpos negros e brancos denotam a emoção para o negro e a razão para o branco, tendo a razão (e consequentemente o branco) um lugar privilegiado no laço social. No intuito de enfrentar essa realidade, podemos justamente afirmar que “*a emoção é negra e a razão é helênica*” (SENGHOR, 1939), ou seja, reforçar essa suposta diferença entre negros e brancos a partir da razão e da emoção, porém invertendo os polos e rearranjando aquilo que supostamente coloraria o negro num lugar privilegiado em relação ao branco: a emoção. Um dos perigos de cair nessa armadilha é justamente reforçar nossa humanidade cindida e parcial. Um mundo onde há “coisas de negro” e “coisas de branco”.

Forjar *fotografia preta* enquanto uma prática, que transborda o disciplinado, é um processo que não se finda neste trabalho. Visa dirimir essa suposta cisão entre razão e emoção e atribuir a devida complexidade que cabe a experiência negra no mundo. Construir uma trilha e não um trilho, um caminho onde outros sujeitos que se sintam convocados tomem para si as questões aqui postas. Essa trilha de que falo já foi trilhada por muitas pessoas, caminhos já foram abertos. Não se trata apenas de uma contra-narrativa, mas principalmente uma narrativa de si, uma narrativa indefinível e multiforme (RAMOS, 1995, p. 215). As classes dominantes brancas têm à sua disposição poderosos implementos de controle social e cultural: o sistema educativo (NASCIMENTO, 2016, p. 112). A multiplicidade da experiência negra necessita ser colocada em evidência, pois se uma versão findada, fixa e empobrecida for capturada por essa classe dominante branca apontada por Abdias do Nascimento há apenas o reforço das lógicas vigentes, uma delas é a assimilação.

Monstruosa máquina ironicamente designada “democracia racial” que só concede aos negros um único “privilégio”: aquele de se tornarem brancos, por dentro e por fora. A palavra-senha desse imperialismo da brancura, e do capitalismo que lhe é inerente, responde a apelidos bastardos como *assimilação*, *aculturação*, *miscigenação*; mas sabemos que embaixo da superfície teórica permanece intocada a crença na inferioridade do africano e seus descendentes (NASCIMENTO, 2017, p. 111).

A *fotografia preta* pode ser usada como ferramenta para aquilo que Nilma Lino Gomes (2017) aponta como uma educação emancipatória, uma vez que ela desfaz nós e permite a percepção de si numa complexidade que não encontramos numa educação regulatória.

Mano, pirei no vídeo porque é muita voz e até pensei que tu tinha deixado o microfone ligado. Remeteu a muitas coisas, primeiro por se tratar da Cristal [a

modelo da foto] e ter essa proximidade e a gente sabe o corre dela. O quanto que nossos caminhos individuais convergem com outras pessoas e se tornam coletivos. Então tem isso das pessoas estarem falando ali, meio tumultuado e não saber muito bem o que eles estão falando gera uma estranheza para quem está ouvindo mas tem hora que se torna um pouco mais claro uma frase... Mas me passou isso, o fato de ter outras pessoas... Mesmo quando um de nós está em um lugar de destaque, seja ele qual for, muitas vezes não se trata só da gente. Se trata da gente e de outras pessoas que estão com nós direta ou indiretamente ou pessoas que vieram muito antes de nós que a gente nem sabe quem elas são. Ao mesmo tempo me passou isso que é muito positivo, saca? A gente não está sozinho, quando está fazendo não é só por mim e tem mais pessoas junto, poder dar apoio, dar suporte. Ao mesmo tempo me passou uma parada de peso também, que é isso de tu ter uma “resposta” muito grande. E como o [Mano] Brown fala de tu não poder errar... “Aquele cara que não pode errar”. Então me passou isso, mesmo que seja muitas pessoas falando de maneira positiva o quanto que isso pesa (Colaborador 1).

Por isso é tão importante lapidar cada vez mais o que vem a ser *fotografia preta*. Para além da prática demonstrada nesse trabalho, julgo necessário reforçar uma dimensão indissociável do ato fotográfico dentro dos termos propostos: o controle da narrativa. Esta fotografia, que retrata corpos, tem o potencial emancipatório e ao mesmo tempo regulatório, e exercer o controle da narrativa sobre a produção é o que pode distinguir o caminho a ser tomado.

O lugar do corpo como tema de pesquisa passa por várias fases na produção teoria. Em alguns momentos ele é destacado, em outros invisibilizado, e sempre paira sobre ele a desconfiança de que podemos cair em um viés biológico, em um momento que as ciências sociais e humanas já avançaram e muito nas discussões sobre as representações sociais, os imaginários coletivos e como os corpos são esculpidos pela cultura. (...) discussão sobre Movimento Negro e projetos emancipatórios enfatizarei o corpo negro. Ele pode nos falar de processos emancipatórios e libertadores, assim como reguladores e opressores (GOMES, 2017, p. 93).

Ou seja, enunciar a intencionalidade do autor, para que a produção não seja tomada dentro das lógicas de dominação, falar do endereçamento para que a obra não seja usada como algo totalizante. Ter em mente o tripé político-ético-estético como bússola nas produções da *fotografia preta* é ir em direção à complexidade da experiência negra no mundo.

O corpo negro não se separa do sujeito. A discussão sobre regulação e emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente. Isso não significa que estamos descartando o negro enquanto identidade, pessoa, subjetiva, desejo e individualidade. Há aqui o entendimento de que assim como “somos um corpo no mundo”, somos sujeitos históricos e corpóreos no mundo. A identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual (GOMES, 2017, p. 98).

Via de regra, muitos sujeitos negros têm sua experiência humana ceifada por diversos elementos, inclusive pelo desejo de brancura. Não é raro encontrarmos pessoas negras que crescem amando o mundo branco, desejando o mundo branco, querendo fazer parte desse mundo branco.

Faz muito sentido, várias coisas eu relacionei com tua ideia... De forma autônoma relacionei com tua ideia, muito nessa perspectiva que é algo que estudo, me debruço

e tenho uma formação. Fiquei pensando na questão do balanço e da gangorra, que não tinha feito essa relação do equilíbrio. Pensei também na questão da boneca ser algo externa mas também ser colocada dentro da família. O boneco me lembrou muito a questão dos signos imagéticos, como a Frozen por exemplo. Bombou, foi sucesso da Disney e é comum até hoje tu ver crianças negras com essa personagem. Essa imagem da boneca loira com o cabelo platinado ainda é muito forte na nossa sociedade e o pai ou a mãe, quando compram a boneca ou a mochila dessa personagem, não pensam necessariamente que estão embranquecendo seus filhos, mas está dado nessa troca que aquela referência está sendo afirmada. É interessante essa relação da boneca ser de fora e estar na relação do seio familiar por que o social forma (Colaboradora 3).

Nas entrevistas ficaram muito evidentes como essa relação com o mundo branco é constituinte da existência de muitas pessoas negras. Identificar essa constituição é importante, porém é necessário avançar nessa discussão. Frente a algumas contradições postas, há uma descoberta de um “mundo negro” e quase como um peregrino no deserto que encontra um oásis, esse sujeito mergulha na negridão de sua existência. É como se antes esse sujeito estivesse num estado de negação de si e passasse a exercer a afirmação de si, algo que é extremamente importante. Porém, como já foi apontado aqui, há um perigo de uma (re)construção fixa de si e assim ser facilmente capturado pelas lógicas vigentes. *A fotografia preta*, dentro da educação, nos convida a ficar confortável no desconforto, habitar zonas do não saber.

Cara, fez muito sentido tua explicação. Tem uma música do Partium [rapper] que ele fala: “moro na bagunça das gavetas”. Então é isso, tem hora que ela é filha, hora que é irmã, hora que ela é enfermeira. E a continuidade daquele ornamento que está na cabeça tapar quem ela é de fato, no presente momento... Não tinha sacado isso. E da Cristal também, muito essa parada de memória e tal... E aí tu me falando assim, da tua motivação para fazer esse vídeo, me passou super bem... Que ela não é uma coisa só, tu vê em pedaços. Um fala uma coisa, outro fala outra e passa essa ideia, de que somos muito complexos (Colaborador 1).

Analisando a fala do Colaborador 1, após a devolutiva da obra *Negro Tema, Negro Vida*, temos sinais que a *fotografia preta* vem caminhando na direção de seu propósito. É crucial compreender a educação como um fenômeno plural, inacabado e dialógico. Dessa forma, os processos educativos são vividos das mais diferentes maneiras revelando inúmeras presenças, conhecimentos, gramáticas (RUFINO, 2019). Desta maneira conseguiremos forjar uma educação suficientemente radical ao ponto de causar transformações em direção a uma emancipação. *A fotografia preta* é radical na proposta de colocar o sujeito negro e suas experiências no centro dos próprios processos. Não é uma proposta necessariamente antirracista (embora, também possa ser), pois coloca em análise a própria existência para além do racismo... Uma existência que pode ser atravessada pelo racismo, mas que o transborda ao ponto de sufocá-lo.

Tendo em vista os dados colhidos com as pessoas que colaboraram na pesquisa, penso ter ficado evidente a potência que é a possibilidade de pensar a *fotografia preta* como um dispositivo pedagógico. Tudo o que foi posto aqui é embrionário, ainda mais considerando os percalços ao longo do caminho. A partir da metodologia desenvolvida, que tem a noção de denegrir (NOGUERA, 2019) como um balizador, instaurou-se um campo muito fértil onde o(a) colaborador(a) pôde trazer a própria experiência e conectar com a dimensão teórica apresentada e partir daí conjecturar novas ideias.

A escrita me parece algo muito visceral, em alguns instantes as palavras não são escritas com tinta mas com sangue. Esse trabalho não foi diferente, pois não escrevo sobre algo distante, um tema. Muito pelo contrário, escrevo sobre algo extremamente próximo e que atravessa o corpo, escrevo sobre a vida e, principalmente, sobre a possibilidade de colocar a vida como verbo. Considerando o cenário pandêmico, a sensação de visceralidade ficou ainda mais vívida, um projeto que inicialmente era muito mais vigoroso foi se definindo conforme a pandemia foi se estabelecendo. Cheguei a pensar em rever minha pesquisa, visto a impossibilidade de realizar a ideia inicial, que envolvia uma exposição fotográfica e o diálogo presencial com pessoas.

Em consonância com o proposto nesse trabalho, fui convidado a pensar novas possibilidades para ideia inicial e adaptar a pesquisa, denegrir novamente. Quando colocado em contraste, aquilo que se inicialmente se desenhava e o resultado final, fica uma sensação de que seria possível algo mais robusto e sólido, ainda assim considero exitosa a pesquisa realizada. Coloquei-me numa zona de não conforto ao optar por trabalhar com imagens, e não só isso, ao colocar-me como idealizador e realizador das imagens utilizadas na pesquisa. Busco a conjugação entre teoria e prática, e o resultado está posto aqui. Para além de uma criticidade, busco encontrar possibilidades em relação à educação, que é a maior aposta do Movimento Negro para caminhar em direção a uma emancipação. Através da fotografia, e da *fotografia preta* mais especificamente, enxergo uma produção capaz de refletir e refratar, uma aparente objetificação de subjetividade que na verdade serve como ferramenta para transformação, que desorganiza para depois organizar.

A partir da mitologia egípcia entendemos a relação de Nut e Geb e de como a escuridão ganha um novo sentido, de criação. A *fotografia preta* vem para ajudar na compreensão desse processo criativo e histórico do Movimento Negro e seus saberes, ao mesmo tempo em que instiga o ato inventivo coloca em análise a própria educação como um processo não essencialista e que pode tanto ajudar na regulação quanto na emancipação. Tudo o que está posto aqui é distante de um ponto final e próximo de reticências...

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, R. **Oliveira Silveira**: Obra Reunida. Rio Grande do Sul: IEL, 2012.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia Social do Racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BELLO, S.; ZORDAN, P.; MARQUES, D. Signos e interpretação: entre aprendizagens e criações. **Revista Cadernos de Educação**. Pelotas: Faculdade de Educação da UFPel, 2015.
- CAMISOLÃO, R. **Cartografia do Acolhimento**: escrevivências do estudante negro na UFRGS. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2020.
- CARNEIRO, A. S. **A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- CARVALHO, J.J. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dezembro/fevereiro 2005-2006.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a negritude**. Trad. de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- COLLINS, P. H. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**. Vol. 31, nº 1, Janeiro/Abril 2016.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **RESOLUÇÃO CFP N.º 018/2002**. Disponível em <site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF>. Acesso em: 2019.
- CUTI, L. S. Quem tem medo da palavra negro. **Revista Matríz**. Porto Alegre, 1995.
- DESENVOLVIMENTO Humano para Além das Médias. Brasília: PNUD; IPEA; FJP, 2017. p.127. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30025> Acesso em 15 de jun. 2021.
- DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universtária, 2010.
- DU BOIS, P. **Da verossimilhança ao índice**: pequena retrospectiva histórica sobre a questão do realismo na fotografia. O ato fotográfico. São Paulo: Papirus, 1998.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Editora Edufba, 2008.
- FAUSTINO, M. D. **“Por que Fanon, por que agora?”**: Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil. 2015. 261 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em

Sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2015.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Dominus Editora, 1965.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GILROY, P. Senhores, senhoras, escravos e a antinomia da modernidade. In: **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2012.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, A.S.A. **Racismo e Anti-Racismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1999.

GUIMARÃES, M. A.C; PODKAMENI, A. B. Racismo: Um Mal-Estar Psíquico. In: BATISTA, L. E, WERNECK, J, LOPES, F. (orgs.). **Saúde da População Negra**. ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, p. 224 – 239. São Paulo, 2012.

HALL, S. Raça, cultura e comunicações: olhando para trás e para frente dos estudos culturais. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. ISSN 2176-2767, v. 31, n. 2, 2009.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2003.

KANT, I. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime**. Campinas: Papyrus, 1993.

_____. **Crítica da Faculdade do Juízo**. S. C. da Misericórdia do Porto: Edições Braille Porto, 1997.

KAUFMANN, J. C. **Entrevista Compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MENEZES, M. M.; BERGAMASCHI, M. A.; PEREIRA, M. D. S. Um olhar sobre o olhar indígena e suas escol(h)as. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas**, 23 (97), 2015.

MOORE, C. Prefácio. In: CÉSAIRE, A. **Discurso sobre a negritude**. Tradução de Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, p. 7–38, 2010.

_____. **Racismo e Sociedade: Novas Bases Epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Brandão, A. A. P. (Org.). Cadernos Penesb 5. Niterói: EdUFF, 2004.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Terceira edição. São Paulo: Editora Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, E. L. (Org.). **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NOGUEIRA, I. B. **Significações do corpo negro**. 1998. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Traduzido por Juliana Araújo Lopes. Dakar: CODESRIA, 2004.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

RACIONAIS MCS. **Negro Drama**. São Paulo: Cosa Nostra, 2002. Disco (1h47min).

RAMOS, G. **Patologia social do branco brasileiro**. Jornal do Comércio, jan/1995.

RUFINO, L. Pedagogia das encruzilhadas: Exu como educação. **Revista Exitus**. Santarém/PA, v. 9, n. 4, p. 262-289, Out/Dez 2019.

SENGHOR, L. O Contributo do homem negro. In: SANCHES, M. R. (Ed.). **Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais**. Edições 70, p. 73-92, 2011.

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TADEI, E. M. **A Mestiçagem Enquanto um Dispositivo de Poder e a Constituição de Nossa Identidade Nacional**. Psicologia ciência profissão, v. 22, n.4, p. 2-13, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pcp/v22n4/02.pdf>. Acesso em: 2016.

VAINER, L.S. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. **Psicologia Política**, vol. 10, nº 19, p. 44-55 Jan – Jun. 2010.

VAINER, L. S.; NUNES, S. S.; COSTA, E. S. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. **Psicol. USP**, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015005032413&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jul. 2016.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever:** inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013.